



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Itòn Odù

Odù Òkànràn

Okitalande

Oye Ko San Ara foi aquele que criou Ifá para a Eborá Ereje, mãe de Carneiro Chifrudo, do Elefante e do Búfalo, sendo Carneiro o seu terceiro filho.

Estes três irmãos plantavam cereais e o Òrìsá Sàngó veio do Além para colhê-los às escondidas.

A Eborá Ereje apercebeu-se disso e disse ao seu filho Elefante que vigiasse os campos e ele assim o fez, até ao dia em que Sàngó retornou para colhê-los novamente e, vendo o Elefante de vigia, intimidou-o aos altos brados, fazendo com que o Elefante fugisse para a floresta.

Tornou-se a vez de Búfalo vigiar as plantações, mas Sàngó bradou contra ele, intimidando-o e fazendo com que fugisse para a floresta.

Então, foi o turno de Carneiro com Chifres vigiar os campos e ele levou a Cabra por companhia para ajudá-lo.

Foi quando Sàngó chegou desta vez acompanhado por seu Cão. E não adiantou Sàngó bradar para Carneiro Chifrudo, pois este não se intimidou e ainda bradou de volta em resposta às ameaças de Sàngó.

Sàngó, aborrecido com tal fato, acutilou Carneiro Chifrudo com a sua espada, mas Carneiro defendeu-se muito bem com seus chifres. Após certo tempo de luta, quebraram-se tanto a espada de Sàngó quanto os chifres de Carneiro.

Sàngó enviou Cão para buscar uma nova espada, mas, no caminho, este encontrou muitos ossos e ali ficou por um longo tempo a roê-los. O Carneiro, entretanto, enviou a Cabra para que fosse buscar-lhe novos chifres; quando alguns humanos quiseram retê-la pelo expediente de ofertar-lhe cascas de inhame, ela lhes disse:

-"Hoje não é dia para se comer cascas!".

E ela trouxe novos chifres a tempo para Carneiro que, deste modo, rechaçou Sàngó para o Além.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Desde esse tempo, Sàngó permaneceu no Além e, quando o trovão estrondeia e os relâmpagos faíscam no céu, o Carneiro escava o solo com seus cascos, dizendo:

-"Nossa luta ainda não está resolvida!"

Ifá diz que devemos fazer Oferenda para evitar que algo de mau, vindo do mundo exterior, atinja uma mãe e três filhos e que esta oferenda será uma cabra, quatro moedas, seis inhames grandes e deverá ser colocada em uma estrada nos campos ou fazendas.

//

Essa história é sobre o Odù Òkànràn. Òkànràn tem o poder de reprOdução, pois ele é muito fértil. Pôr isto, Òkànràn tornou – se muito orgulhoso. O que fez ele? Chamou Èsù para os dois fazerem uma parceria e disse:

Olhe, Èsù, Você tem um grande poder com Ifá, pois quem traz o mistério para ele é você. E eu sou forte, bonito e brigão. Onde tem uma briga, eu lá estou. Podemos fazer poucas e boas. Mas veja, a casa de Ifá só vive cheia de gente à procura de teus conselhos e revelações, mas ele não lhe dá crédito. E você é o grande responsável pelo que se fala em volta do mundo. Èsù disse:

- Ah, é assim? Eu vou mostrar a ele com quantos paus se faz uma cangalha.

Èsù pegou 21 grãos de atarê, pimenta- da- costa , pôs na boca e foi para a casa de Ifá. Chegando lá, se envoltou, e quando Ifá foi fazer as adivinhações com o seu rosário, o opelé, nada conseguiu. Èsù contou o acontecido a Òkànràn, que ficou satisfeito e caminhou para a casa de Ifá. Lá chegando, Òkànràn se sentou à frente de Ifá, que estava muito triste. Òkànràn foi logo dizendo:

- O que está havendo aqui? Sua casa sempre está cheia de gente e hoje não tem ninguém?

Mas Ifá já tinha ficado desconfiado ao vê-lo chegar, pois não era costume de Òkànràn o visitar. Então, Ifá disse:

- Eu desconfio de alguém responsável por está situação. Mas eu vou dizer, quem fez isto vai ser de hoje em diante eternamente escravo de Èsù, e vai sofrer, que Èsù não é brincadeira. Vai me pagar!



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Òkànràn arregalou os olhos e disse:

- Ora homem, não faz isto! Você não sabe de nada.
- Ora se sei – respondeu Ifá

Òkànràn, a partir daí ficou dominado pôr Èsù e suas melhores oferendas são as mesmas de Èsù. Por isso, não deve mexer com quem está quieto.

///

Mandaram Èsù fazer um ebó, com o objetivo de obter fortuna rapidamente e de forma imprevista.

Depois de oferecer o sacrifício, Èsù empreendeu viagem rumo a cidade de Ijelu.

Lá chegando, foi hospedar-se na casa de um morador qualquer da cidade, contrariando os costumes da época, que determinavam que qualquer estrangeiro recém chegado recebesse acolhida no palácio real.

Alta madrugada, enquanto todos dormiam, Èsù levantou-se sorrateiramente e ateou fogo às palhas que serviam de telhado à construção em que estava abrigado, depois do que, começou a gritar por socorro, prOdüzindo enorme alarido, o que acordou todos os moradores da localidade.

Èsù gritava e esbravejava, afirmando que o fogo, cuja origem desconhecia, havia consumido uma enorme fortuna, que trouxera embrulhada em seus pertences, que como muitos testemunharam, foram confiados ao dono da casa.

Na verdade, ao chegar, Èsù entregou ao seu hospedeiro um grande fardo, dentro do qual, segundo declaração sua, havia um grande tesouro, fato este, que foi testemunhado por inúmeras pessoas do local.

Rapidamente, a notícia chegou aos ouvidos do Rei que, segundo a lei do país deveria indenizar a vítima de todo o prejuízo ocasionado pelo sinistro.

Ao tomar conhecimento do grande valor da indenização e ciente de não possuir meios para saldá-la, o rei encontrou, como única solução, entregar seu trono e sua coroa a Èsù, com a condição de poder continuar, com toda a sua família, residindo no palácio.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Diante da proposta, Èsù aceitou imediatamente, passando a ser deste então o rei de Ijelu.

IV

Òkànràn Meji tentava de tudo para progredir na vida, mas seus esforços de nada adiantavam, se dava um passo à frente, imediatamente dava dois para trás.

Um dia, resolveu fazer um ebó que lhe assegurasse algum tipo de poder e por intermédio do qual, pudesse garantir uma vida de fartura e conforto.

Feito o sacrifício que lhe determinara Ifá, resolveu entregar um bode, único bem que possuía, aos cuidados de Ikú, para que o criasse de meias.

Pouco tempo depois, o animal apareceu morto e Òkànràn Meji resolveu exigir que Iku o indenizasse, já que o bode fora entregue à sua responsabilidade.

A Morte concordou com a exigência do Odù e perguntou-lhe o que queria por sua parte do bode morto. Astucioso, Òkànràn exigiu, não só a metade do valor do animal como também a metade de tudo o que ele poderia gerar durante o tempo em que poderia ainda ter vivido e, ao valor do bode, foi acrescentado o valor de toda a sua possível geração de muitas cabras e cabritos.

Diante do valor da indenização exigida, Ikú assustada, propôs ao Odù que pedisse outra coisa qualquer, que estivesse ao seu alcance, pois não tinha como satisfazer o exigido.

Astutamente, Òkànràn Meji exigiu o poder de interferir na missão de Ikú sobre a terra, que se rÈsúme na obrigação de periodicamente, carregar homens e animais para os seus domínios no outro mundo.

Sem contestar, Iku delegou a Òkànràn este poder e deste então, podemos pedir que interfira junto à Morte, para evitar que alguém, por muito mal que esteja, venha a falecer.

V

Sàngó, queria ser muito poderoso e respeitado e para isto consultou Ifá. Na consulta surgiu Òkànràn Meji, que determinou um sacrifício, que iria garantir ao Òrìsá, tudo o que desejava.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Feito o ebó, Todas as vezes que Sàngó abria a boca para falar, sua voz saia possante como um trovão e inúmeras labaredas acompanhavam as suas palavras.

Diante do poder de seu marido Oyá resolveu consultar o Oráculo com a finalidade de se tornar tão poderosa quanto ele. Na consulta surgiu Òkànràn Meji, que Ihe determinou o mesmo ebó.

Quando Sàngó descobriu que sua mulher havia adquirido um poder igual ao seu, ficou furioso e começou a maldizer Ifá por haver proporcionado tamanho poder a uma simples mulher.

Humilhada, Oyá recorreu a Olorún para que desse um fim ao impasse. Olorún determinou então que a partir daquele dia, a voz de Sàngó soaria como o trovão e que provocaria incêndios onde ele bem entendesse, mas para que isto pudesse acontecer, seria necessário que Oyá, falasse primeiro, para que o fogo de suas palavras (os raios) provocassem o surgimento do som das palavras de Sàngó (o trovão), assim como o fogo que elas prOdüzem sobre a terra (os incêndios provocados pelos raios que se projectam sobre a terra).

É por este motivo que, até hoje, não se pode ouvir o ribombar do trovão sem que antes, um raio ilumine o céu.

VI

Quando o VOdùm Xevioso veio ao mundo, não passava de um pequeno covarde que só possuía um galo que cantava e um cabrito que berrava. Convencendo-se de que não poderia viver desta forma, resolveu consultar Ifá, em busca de auxílio.

Seu Bábáláwo chamava-se Afeke e foi ele quem, consultando Ifá, encontrou Òkànràn Meji, que exigiu que Xevioso oferecesse um ebó composto de duzentos e uma pedrinhas, um saco, uma cabra, cento e cinquenta moedas do mesmo valor e mais quinze de valor diferente.

As pedras foram colocadas dentro de um saco e entregues a Xevioso depois do sacrifício, representando o seu poder e a sua força.

As moedas foram dadas ao Bábáláwo, em pagamento.

Na verdade depois que Xevioso passou a possuir estas pedras, seus olhos tingiram-se de vermelho, passou a ser muito corajoso e as pessoas tremem a sua aproximação. Quando encolerizado, enfia a mão no saco e



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



lança suas pedras em forma de raio, destruindo quem quer que o tenha provocado.

Foi assim que Xevioso, o covarde, tornou-se um exemplo de coragem para todos os homens.

VII

O orgulho e a soberba podem causar a morte

Okorón Meji realizou algumas obras importantes no Orun. Ele fez adivinhação para a Aragba, a ceiba, e para Iroko, a teca ou caoba africana, antes de que eles viessem para o mundo. Aragba e Iroko sempre foram como o cão e o gato, nunca estiveram completamente de acordo em nenhum assunto. Por essa época Iroko era tão forte e poderoso que todo o mundo o temia.

O adivinho aconselhou a ambos que rendessem homenagem a Ésù com um bode, um galo, um archote e um machete. Aragba fez o sacrifício, mas Iroko recusou fazê-lo porque ele considerava-se suficientemente forte para ser invulnerável. Depois de festejar com as oferendas feitas, Ésù foi aconselhar os seres humanos sobre quanto estava Iroko para que construíssem fortes para a sua proteção. Antes disso a árvore de Iroko luzia de forma tão feroz que ninguém se atrevia sequer a pensar em atacá-lo de alguma forma. Em primeiro lugar ele é fisicamente muito forte e enorme, e em segundo a sua casa é o ponto de reunião dos Anciãos da Noite. A intervenção de Ésù era para destruir o mito que abrigava a imagem de Iroko e para fazer-Ihe ver que era tão vulgar como qualquer outra árvore. Ésù até se ofereceu para guiar os humanos à casa de Iroko, dando-lhes um machado com o qual poderiam derrubá-lo.

Ao princípio as pessoas estavam renitentes em usar o machado sobre Iroko, mas com o estímulo dado por Ésù, atacaram-no com fúria. A queda de Iroko foi tão grandiosa que o eco ressoou em todo o bosque. Quando Aragba escutou a queda, perguntou o que estava sucedendo e disseram-lhe que o grande Iroko havia caído sob a força do machado humano. Compreendendo que o destino de Iroko era o resultado da sua negação a fazer os sacrifícios, Aragba felicitou-se por ter seguido o conselho de Okorón Meji.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



ODÙ OTURUPON – ETURUPON – EJI OKO

I

"Carneiro Chifrudo" foi aquele que criou Ifá para Otúrá, quando este foi receber título e poder no palácio do rei.

Foi-lhe dito que ele deveria de fazer uma Oferenda para que tivesse muitos filhos e muita sorte.

Assim, ele fez as Oferendas e, a partir de então, grande foi o número de seus filhos.

Então ele ficou muito feliz: começou a dançar e cantar louvores à sabedoria de Ifá e admirava-se com as próprias canções de louvor que diziam:

-"Carneiro Chifrudo foi quem criou Ifá para Otúrá, quando ele ia receber título e poder no palácio do rei. Quando Otúrá obteve título e poder, começará a ter descendência"

II

Ejioko se acalma na terra

Chegando em seguida na terra, ele decidiu ir fazer adivinhação com três AWOS chamado Ugun sorire sorire Okpari, Akala Igbo sorire sorire, ogbijojoso-run, mede sorire. Quando ele chegou na casa deles, ele conheceu Alamiyo, o Caçador De cabeça de Itoko Que também veio, para adivinhação.

Foram aconselhados o caçador e Ògúndameji para fazer sacrifício contra o problema de ingratidão dos beneficiários da generosidade dele. Ògúndameji foi aconselhado para dar uma cabra preta para o Ifá dele e um cabrito para Ésù. Ele fez o sacrifício. Por outro lado, foi dito ao caçador para oferecer um cabrito a Ésù e servir Ògún com um cachorro, tartaruga e galo. Ele não fez o sacrifício.

O caçador era muito competente na sua profissão o que explica por que ele não considerou necessário executar qualquer sacrifício. Vários anos depois, o caçador teve um sonho que o assustou e ele foi fazer adivinhação. Fizeram-lhe lembrar novamente do sacrifício que lhe tinha sido aconselhado anteriormente para fazer. Ele insistiu que ele não precisava da ajuda de qualquer sacrifício. Os próximos Awos que se aproximaram chamavam-se Orire sumi sisee e Mada bo la Use orire, won



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



difa fun Alamiyo tiishe Olori ode nile ILA Orangun. Ele era chamado Alarniyo e ele era o líder dos caçadores na cidade de ILA Orangun. Eles advertiram a ele que se ele não executasse o sacrifício, a generosidade e a benevolência dele encurtariam a sua vida. Nessa hora disseram que desse 3 cabritos para Ésù, uma cabra para Òrúnmilá, uma cabra para sua cabeça, um cachorro, galo, tartaruga para Ògún e 6 ovos e um coelho para os anciões da noite. Ele ainda não executou nenhum dos sacrifícios.

Enquanto isso, ele deixou sua casa numa expedição de caça com o seu instrumento de caça, um bumerangue (Ekpede em Bini ou Akatapo em Yoruba). Ao anoitecer ele foi à cidade de IpÒgún. As pessoas de IpÒgún tinham um longo problema de ameaça causado por um pássaro misterioso que vinha à cidade e deixava para trás um rastro de mortes humanas. O pássaro era chamado de Agbe em Yoruba ou Ukhiohio em Bini. Sempre que gritava "kpÒgún " três vezes e logo depois partia e 20 pessoas morreriam na cidade. O pássaro tinha desafiado a habilidade dos melhores caçadores conhecidos nos arredores. Na última vez eles ofereceram um cabrito a Ésù que lhes assegurou que o caçador que mataria o pássaro viajaria à cidade deles. Quando Alamiyo despertou na manhã seguinte, ele foi convidado pelo chefe dos caçadores de cabeça da cidade, e contou sobre o problema do pássaro misterioso. Como eles se sentaram fora da casa do Chefe discutindo o assunto, o pássaro emergiu mais uma vez. Gritou " PÒgún " uma vez, mas antes de gritar a segunda vez, Alamiyo fez pontaria e atirou, ele morreu. As notícias logo se expandiram ao redor e trouxe alívio geral e alegria para a cidade.

Enquanto as pessoas ainda estavam festejando, Ésù foi incitar os homens jovens da cidade para protestarem em volta dos anciões para expulsar Alamiyo do solo da cidade visto que um caçador que era capaz de matar um tal pássaro misterioso com um tiro não pouparia a cidade inteira se qualquer um ousasse ofendê-lo no futuro. O Chefe dos caçadores de cabeça apreciou as objeções levadas até ele pela mocidade e se submeteu aos desejos deles, expulsando Alamiyo da cidade de IpÒgún, a qual ele há pouco tinha livrado de uma calamidade.

Desconcertado pelos eventos, Alamiyo foi para a próxima cidade chamada Iyinta onde ele foi novamente convidado a resolver um antigo problema de um pássaro misterioso que trazia morte em massa para a cidade. O pássaro, Aluko chamado em Yoruba e Awe em Bini, visitava a cidade periodicamente. Assim que entrasse na cidade, estaria à entrada da cidade e gritou " Pogbon " três vezes depois dos quais trinta pessoas morreriam. Como haviam lhe contado sobre a calamidade endêmica, o pássaro chegou e posou na árvore da vida (Akoko ou Ikhinmwin) na



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



entrada para a cidade. Alamiyo esperou que o pássaro gritasse " Pogbon " duas vezes antes de apontar. Ele atirou e o pássaro caiu no solo, morto. Uma vez mais, a cidade inteira regozijou e cantou em elogio ao caçador que exequçtou o feito milagroso.

Logo depois porém, Èsù instigou as pessoas da cidade novamente contra ele e ele foi expulso para fora da cidade. Ele já estava começando a pagar o preço de sua teimosia.

Ele viajou para a próxima cidade de Iye onde ele foi saudado com alívio e expectativa porque eles tinham ouvido o que ele fez nos dois lugares que ele tinha visitado previamente. Eles lhe asseguraram que eles não o iam reembolsar com o tipo de ingratidão mostrado a ele nos lugares visitados anteriormente. Eles lhe contaram que um cervo (Agbonrin em Yoruba e Erhue em Bini) que visitava a cidade de vez em quando em cima de uma colina para gritar "Palura " que conduziu à morte de 40 pessoas e à destruição de vários edifícios.

Pouco tempo depois, os cervos tomaram posição na colina e assim que abrisse sua boca para gritar " Palura ", foi morto por Alamiyo.

Ele pretendeu se estabelecer na cidade de Iye, mas enquanto eles comemoravam, Èsù gerou o rumor que Alamiyo era quem enviava o cervo à cidade, o que explicava o ser ele o único caçador que teve sucesso. Como se essa incitação não fosse bastante, Èsù se transformou em um visitante de ilu IpÒgún e Iyinta e lhes perguntou se ele atirou no cervo sem olhar e se a seta foi devolvida a ele. Eles confirmaram que a mesma coisa aconteceu em Iye. Ele perguntou se não era impossível para um tal homem destruir uma população inteira de uma localidade. Com o que Èsù visitante começou uma canção de guerra com que eles o expulsaram da cidade de Iye - Kuode jere, kuode jere, kuode jere.

Depois que foi expulso da cidade de Iye, ele decidiu esconder o seu bumerangue a fim de esconder a sua profissão. Ele também era um adivinho. Ele começou então a praticar a arte de Awo que ele também fazia muito bem. Este tempo, ele se movia furtivamente quietamente na cidade de Ijesha. Mas ele não foi reconhecido embora ele fosse famoso por ter sido casado com a filha do Owa de Ijesha.

A princesa deu a ele quatro filhos. A sua esposa tinha tido há pouco a quarta criança quando eclodiu a guerra entre Oyo e Ijesha. O exército invasor de Oyo estava tramando um golpe devastador sobre as pessoas de Ijesha. O Owa de Ijesha juntou as suas pessoas e lhes falou para fazer adivinhação para conferir a ameaça do Exército invasor.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



No ajuntamento, Èsù se transformou num sacerdote de Ifá que descobriu para a população de Ijesha que um visitante se apresentava no meio deles, mas o desconhecido para eles, era o caçador famoso de Itoko que executou maravilhas em IpÒgún, Iyinta e Iye. O homem anunciou que o caçador tinha escondido a profissão dele e a identidade desde que tinha vindo a Ijesha por causa da ingratidão mostrada a ele nesses lugares. O Èsù transformado em Awo também anunciou que o homem com " sufixo de Iyo " o nome dele e que casou-se com uma princesa, era o único que, com a arma misteriosa dele, poderia impedir o avanço das tropas de Oyo. Como todos os olhos se voltaram na direção de Alamiyo, a visita somou que o homem tinha um problema que o seguiu desde o caminho do céu e tinha persistido desde então até na terra. Ele obstinadamente tinha se recusado a fazer o sacrifício prescrito para ele. Se ele tivesse sucesso fazendo isto, ele iria se tornar a pessoa mais famosa em Ijesha. Se ele continuasse recusando a fazer isto, ele terminaria cometendo suicídio e seria enterrado vivo.

Com estas revelações se levantou Alamiyo e o Awo visitante lhe falou, depois que ele concordasse com isso por ele não ter feito os sacrifícios, o sacrifício tinha se multiplicado. Então lhe foi exigido dar 3 cabritos a Èsù, uma cabra para Ifá, uma cabra para a cabeça dele, 2 cachorros, 2 tartarugas e 2 galos para Ògún, e um coelho, galinha, e ovos para os anciões da noite.

Alamiyo então em lágrimas disse que ele tinha feito tantos favores à humanidade, e tinha sido reembolsado com tanta ingratidão, que ele não considerou que tinha que fazer qualquer obrigação para continuar sendo caridoso a qualquer um. Nesta fase, as mulheres da cidade que tinham perdido muitos dos seus maridos para a guerra, se ofereceram para contribuir com dinheiro para comprar os materiais para o sacrifício. Os sacrifícios foram feitos imediatamente, e na manhã seguinte, ele trouxe o seu bumerangue que ele tinha escondido, escovou ele, fechou os seus olhos e atirou três setas na direção do exército invasor. Cada tiro matou 200 soldados de Oyo e as três setas retornaram para ele. Quando o exército de Oyo viu como as suas forças estavam sendo esvaziadas por um atacante invisível eles fugiram em pânico.

A Paz foi devolvida imediatamente a Ilesha. Logo depois o Rei de Ilesha morreu e desde então como ele só tinha uma filha, Alamiyo que era o marido da única princesa, foi coroado o Owa de Ibokun Ijesha. Ele foi o que deu o nome de Ibokun a Ilesha - significando, "onde a pessoa se cansou de fazer favores". Ele se regozijou finalmente e cantou em homenagem aos seus Awos. O reinado dele foi muito calmo e próspero.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



III

EJIOKO

Num tempo em que Ifá era pobre, consultou seu Kpoli para saber de que forma poderia mudar de vida e conquistar a simpatia de Metolôfi, que não gostava dele.

Na consulta, surgiu Oturukpon Meji, que mandou que pegasse um cabrito, uma cabaça, todas as frutas redondas que encontrasse e preparasse um ebó, que deveria ser levado à sua mãe e entregue com as seguintes palavras: "Veja minha mãe, eu nunca recebi desta vida qualquer alegria. O rei deste país não gosta de mim. Oturukpon Meji me disse que oferecesse este sacrifício, pois de ti depende minha sorte nesta vida"!

Ifá, no entanto respondeu: Isto é impossível. Minha mãe não está aqui. Ela partiu há algumas semanas para uma reunião em lugar muito remoto. De que maneira, estando ela ausente, poderei oferecer-lhe o ebó?

Ésù intervindo disse: "Em troca de alguma coisa que me ofereças, reaproximarei tua mãe de ti. Em pagamento quero um galo e alguns bolos".

Ifá pagou o exigido a Ésù que, durante a noite, procurou sua mãe e lhe disse: "Seu filho está morto já faz quinze dias e não há ninguém para officiar seus funerais. Anda, vá ao país de Metolôfi para fazer a cerimônia".

Desesperada a velha pôs-se a chorar, dizendo: "Que fazer? Sou tão velha, mal posso andar..."

"Dá-me qualquer coisa que te transportarei", disse Ésù.

A velha possuía um bode que tinha doze chifres na cabeça, ao vê-lo Ésù falou: "Se me deres este bode de doze chifres, te levarei, agora mesmo, para junto de teu filho".

"Mas este bode não é meu..." Respondeu a velha. "...ele pertence a Vida. Ele me foi confiado e está sob minha responsabilidade".

"Se não me deres o bode, sem dúvida não poderei ajudá-la".



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



"Tudo bem, carrega-o! Eu já perdi tudo o que tinha para perder, o bode não fará diferença!"

Ésù, pegando o bode, matou-o. O sangue que escorria do corpo do animal era fogo que espalhando-se, cobriu o corpo de Ésù. Aterrorizado como tão estranho acontecimento, Ésù foi consultar Ifá e na consulta surgiu Oturukpon Meji, ordenando que os intestinos do bode fosse retirados e oferecidos em sacrifício, num caminho qualquer.

Naquele tempo, Ésù não possuía cabeça e pegando a cabeça do bode, colocou na panela para cozinhá-la. Durante dias e dias, Legba insistiu na tentativa de cozinhar a cabeça por mais que gastasse lenha, nada conseguia.

Cansado, resolveu procurar a mãe de Ifá e, para isto, transportou a cabeça e a carne do animal até o reino de Metolôfi.

Para conduzir a enorme panela, Ésù derramou a água nela contida, preparou uma rÔdilha que depositou sobre os ombros para servir de base à panela que estava completamente enegrecida pela fumaça. A rÔdilha fixou-se em seus ombros, transformando-se em pescoço e a panela transformou-se em cabeça e Ésù descobriu que agora, como todo o mundo, também possuía uma cabeça. Alegre pôs-se a cantar:

Eu operei uma magia em meu caminho,

Assim adquiri uma cabeça!

Eu saí sem cabeça para uma viagem,

retorno agora para casa com cabeça!

Desta forma, chegou diante de Ifá, que também era desprovido de cabeça.

Ao tomar conhecimento do destino do bode, Ifá exclamou revoltado: "Como? Já paguei a Ésù por seus serviços! Ele recebeu de mim o exigido e ainda consegui uma cabeça!..."

Zangado, preparou seu ebó composto de várias frutas redondas e o entregou a sua mãe, para que o conduzisse a Metolôfi.

Entregando as frutas ao rei a mulher disse: "Eu venho de muito longe em reconhecimento ao seu nome. Como não sou rica, aceite estas coisas. É tudo o que tenho para oferecer!"



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Metolôfi, ordenou que a mulher pegasse um mamão e que o cortasse em duas partes iguais. As sementes negras se derramaram e o mamão, colocado sobre os ombros de Ifá, ali se fixou, transformando-se em cabeça.

Notando que a mulher estava cansada, o rei mandou que lhe oferecessem uma esteira, mas ela negou-se a sentar-se na presença de Sua Majestade. De tanto que o rei insistisse, a mulher acabou sentando-se sobre algumas almofadas.

Vendo-a acomodada e mais calma, o rei perguntou qual era o seu nome, ao que lhe respondeu, afirmando chamar-se "Nã". Metolôfi então disse: "Nã Taxonumeto" (aquela que coloca uma cabeça nas pessoas).

Depois deste fato, para que as crianças possam receber uma cabeça, as mães devem, durante a gestação, pedir a proteção de Nã Taxonumeto todos os dias.

É sob este signo que as crianças vêm ao mundo "de cabeça".

Ifá tornou-se muito conhecido graças a sua mãe e ao bode de doze chifres que não era outro senão o próprio Sol.

Foi através do fogo misterioso do bode, que Ésù adquiriu controle sobre as chamas e visão para compreender as mensagens surgidas no Oráculo.

Foi desta forma que Ésù e Ifá, conseguiram cabeças, graças a Oturukpon Meji que rege tudo o que é redondo, como redondas são as cabeças.

Odù Ògúnda – Eta Ògúndá

/

Ele diz: age-se suavemente!

Eu digo: muito calmamente!

Ele diz: parecido com quê?

Eu digo: com o novo dinheiro que nós iremos obter!

Ele diz: dois pombos, sete moedas e dois búzios é a Oferenda!

Ele diz: age-se suavemente!

Eu digo: muito calmamente!



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Ele diz: parecido com quê?

Eu digo: com a nova esposa que iremos desposar!

Eu digo: qual a Oferenda a ser feita?

Ele diz: duas galinhas, sete moedas e dois búzios.

Ele diz: age-se suavemente!

Eu digo: muito calmamente!

Ele diz: parecido com quê?

Eu digo: com a nova criança que nós iremos gerar!

Ele diz: gerar filhos um após o outro, é como frutifica a planta Shesheki.

Grande será a capacidade de gestação de sua esposa. Três galos, oito moedas e oito búzios é a Oferenda a ser feita!

Ele diz: age-se suavemente!

Eu digo: muito calmamente!

Ele diz: parecido com quê?

Eu digo: como a nova casa que iremos construir!

Ele diz: crescer sobre si mesmo, é como a árvore Pêrêgun forma a sua folhagem. Ela renova suas folhas anualmente e todos poderão sentar-se à sombra dela com você! Uma cabra e onze moedas é a Oferenda.

Ele diz: age-se suavemente!

Eu digo: muito calmamente!

Ele diz: parecido com quê?

Eu digo: com o novo título que iremos alcançar!

Ele diz: nomeio a Oferenda que permitirá obter o novo título e fazer com que permaneça longamente nesse posto: as apropriadas folhas sagradas, algumas peças de pano branco, uma "cuia" com Iyérosún e onze moedas.

Assim poderei cantar:



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



-"Minha cabeça tornar-se-á branca como a Pemba (giz) de Adó (Benin). E todos virão regozijarem-se comigo pelos meus cabelos brancos."

Ifá diz: encontraremos a solução de nossos problemas e alcançaremos o nosso objetivo.

II

O antílope Agbāli, lançava seu brado em Ifé as pessoas morriam.

O mocho Agbigbi lança seu brado nesta vida e as pessoas morrem.

Ifá foi consultado por Odé e recomendou-lhe que fizesse um sacrifício porque, mesmo fazendo o bem aos outros, nunca conseguia tirar disso o menor proveito, ficando sem ter sequer o que comer.

O sacrifício constava de vasos quebrados, flechas, duas galinhas e um cabrito, mas Odé negou-se a oferecer o ebó.

Como a cada grito do antílope Agbāli as pessoas morressem, o rei Metolonfin, não sabia o que fazer para caçá-lo. Sabendo disto, Odé se apresentou ao rei, dizendo que, se lhe construíssem uma casa em forma de círculo e o colocassem dentro e lhe dessem uma flecha e se todo o povo do país se reunisse ao redor, lançaria a flecha que iria atingir a marca branca, existente no pelo do antílope e que ficava justamente na direção de seu coração. Tudo foi feito de acordo com a orientação do caçador e no dia em que o animal surgiu, uma flecha foi atirada, indo atingir a marca branca que ficava na altura de seu coração.

Odé gritava feliz: "Eu o matei!" - E o povo, olhando na direção de Agbāli, via que era verdade.

Quando o mocho Agbigbi se aproximou, Odé disse: "É na garganta que devo atingi-lo" e lançando sua flecha, atravessou com ela o pescoço do animal.

Todos reunidos foram ver o que estava acontecendo e assustados comentaram: "Aquele que prendemos na choupana onde não existem portas nem janelas consegue abater qualquer tipo de caça! Quando não mais existirem animais para serem caçados no país, sem dúvida caçará o próprio rei!".

Mas havia muita caça na região e Odé construiu sua casa no interior da floresta, reforçando as paredes com os cacos de muitos vasos quebrados.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



O caçador recusara-se a oferecer o sacrifício determinado pelo Odù e por isto, todo o bem que fizesse aos homens não lhe resultaria em nenhum proveito. Mesmo assim, Elegbara fez dele o caçador do país. Depois disto, os muros de seu templo devem ser incrustados de cacos de vasos de barro.

III

Quem procura o combate? É a vez de Ògún lutar contra Meji!

Metolonfin tinha uma linda filha chamada Meji. O rei, por muito que tentasse, não conseguia arrumar marido para a jovem.

Meji era muito belicosa e guerreira valente, todos os que se apresentavam com a intenção de desposá-la, eram desafiados para um combate singular, e acabaram derrotados pela poderosa princesa.

Desesperado com a situação e temendo que a filha jamais viesse a encontrar um marido, Metolonfin convidou os reis de Aja, de Ke, de Hun e de Ayo, para candidatarem-se ao casamento.

Atendendo ao convite, os quatro reis vieram acompanhados de toda sua corte. Mas Meji não abriu mão de suas exigências, só se casaria com o homem que conseguisse derrotá-la em combate.

O primeiro a amargar a humilhação de derrota, foi Aja Xosu e em seguida, os nobres componentes de sua comitiva: depois foi a vez de Ke Xosu e seus amigos foram derrotados pela bela princesa.

Ògún, que a tudo assistia, foi perguntar a Ifá sob que Odù poderia encontrar proteção para derrotar a nobre guerreira, conquistando assim, o direito de desposá-la.

Na consulta surgiu Ògúnda Meji, que ordenou: "Traga um galo, acaçá, azeite de dendê, uma cabaça, um pombo, uma corda e vários pedaços de pano".

Quando Ògún lhe entregou o material, Ifá enfiou na corda, algumas contas, com ela amarrou os pedaços de pano e as pernas do pombo, pegou o galo e enfiou debaixo de suas asa várias folhas de kpegun e entregando tudo a Ògún, disse: "Quando partires, deixa o galo em casa e amarra a corda em volta de tua cintura".

No mesmo dia, Ògún desafiou a bela Meji para o combate, durante o qual, a corda que trazia a cintura, rompeu-se e caindo ao chão,



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



embaraçou as pernas da princesa que desequilibrada, caiu derrotada aos pés de Ògún.

No mesmo instante, o galo começou a cantar:

Gbo gbo gbo,

Guda Meji!!!

(Ògún desposou Meji!).

IV

Ògúnda Meji foi procurado por Nã, VOdùm mãe de Ifá, que não conseguia parir, uma vez que não possuía nádegas.

Naquele tempo, Ifá tinha seu conhecimento restrito aos acontecimentos do local onde se encontrava. Consultando seu próprio jogo, na esperança de obter uma maior capacidade de predição, encontrou Ògúnda Meji, que lhe pediu um peixe como sacrifício.

Sabedor de que Nã possuía em sua casa um poço para criação de peixes (Togodo), Ifá pediu-lhe que lhe trouxesse um, para que pudesse fazer o ebô.

Os dias se passaram e como Nã não trouxesse o eja, Ifá, que possuía uma cabaça, pegou-a e dirigiu-se a casa de Nã.

Lá chegando, dirigiu-se ao poço e com sua cabaça, começou a retirar água de seu interior, para deixar os peixes a seco, o que facilitaria sua tarefa.

Vendo o que estava acontecendo, Nã protestou, afirmando que o Bábáláwo que havia consultado, também havia lhe pedido um peixe como sacrifício, mas ela não possuía cabaça, o que impedia que capturasse um peixe em seu próprio poço.

Combinaram, que quando toda a água tivesse sido retirada, os peixes encontrados seriam repartidos entre os dois, acontecendo no entretanto, que quando a água acabou, somente um único peixe foi encontrado no fundo do poço.

Nã reclamou o peixe para si sob a alegação de que o poço se encontrava em seu quintal e que tudo o que estivesse dentro dele lhe pertencia.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Por sua vez, Ifá considerava-se dono do peixe, já que fora ele quem com a cabaça de sua propriedade, o havia capturado, o que certamente não poderia ter sido feito por Nã.

A discussão prolongava-se sem que ninguém cedesse seu direito sobre o peixe.

Naquele tempo, o VOdùm Gu, que já havia consultado o Oráculo e feito o seu sacrifício, recebeu um gubasa. do qual jamais se separava. Como passasse pelo local em suas andanças em busca de caça, foi chamado a intervir como árbitro da questão.

Gu ordenou então, que Ifá segurasse o peixe pela cabeça e que Nã o segurasse pelo rabo, puxando com firmeza, cada qual para seu lado, ao mesmo tempo em que mantinham os olhos bem fechados.

Com um rápido golpe de seu afiado gubasa, Gu dividiu o eja em duas partes e depois, ordenou que Nã ficasse com a cauda do peixe e fizesse com ela o sacrifício, para que pudesse obter nádegas, que permitiriam que viesse a parir filhos como todas as mulheres. Ifá ficou com a parte da cabeça, que ofereceu em sacrifício ao seu próprio Ori, para fortificá-lo para assim melhor capacitá-lo para suas funções.

Foi assim que Nã, colocando a cauda do Peixe abaixo de sua cintura, logrou vê-la transformada em nádegas, enquanto Ifá oferecendo a cabeça do peixe ao seu ori, teve sua capacidade de previsão aumentada infinitamente.

Depois disto, costuma-se dizer:

"Gu da eja-meji"

(Ògún partiu o peixe em dois).

Odù Irosun

I

Ebiti Ja'wo foi aquele que criou Ifá para Oyen'Iran, quando ela estava chorosa e aflita porque não engravidava e, portanto não tinha uma criança para ninar em seus braços.

Foi-lhe, então, dito que ela deveria fazer uma Oferenda e que, se ela assim o fizesse, daria à luz uma criança que ficaria conhecida em todo o



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



mundo e que a própria menção do nome desta criança impor respeito a todos quanto o ouvissem.

Ela, então, ofertou 200 agulhas de costura, as apropriadas ervas sagradas, algumas moedas para esmolas e um frasco de azeite de dendê.

E quando Oyen'Iran pariu, ela deu à luz o Sol.

Ifá diz:

-"Alguém está triste e ansiosa por não engravidar, mas que ela gerará uma criança e esta será um menino."

Odù Ose – Oshe - Oxé

I

Akoda, o Senhor do Mistério da Lama, e Odorogi, o Senhor da Punição, foram aqueles que criaram Ifá para Òrùnmilá, no dia em que todos os espíritos do mal vieram perturbá-lo.

Mas Òrùnmilá lhes disse que, tanto quanto eles, também tinha um Mestre (Alma Ancestral) que o livraria de suas perturbações.

Então, Òrùnmilá dirigiu-se aos pássaros brancos e aos pássaros malhados que habitam nas grutas e nos lados das colinas e que de lá voam para o mundo.

Os pássaros brancos das grutas disseram que ele deveria trazer Obí Ifin (noz de kolla branca); os pássaros malhados do lado esquerdo da colina disseram-lhe que ele deveria trazer Obí Ipa (noz de kolla vermelha); outros pássaros lhe disseram para trazer Atarê (pimenta malagueta).

Òrùnmilá assim o fez e os pássaros usaram tais Oferendas para socá-las juntas em um pilão para fazer Ogúm Èrigí (magia medicinal contra a morte) a favor de Òrùnmilá.

E eles cantaram:

-"A Tartaruga não tem dor de cabeça, caracol não tem dor no fígado e a pedra do fundo do rio não sente frio."

Então, foi dito que os espíritos do mal não prevaleceriam contra Òrùnmilá e que para isso ele deveria colocar Iyérosún em um bom "guisado comestível" e respeitadamente comê-lo.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



II

Existia uma mulher que tinha mais de 40 anos e não havia meio de ela parir. Um dia, disseram a ela que só quem pôdia ajuda-la era o Odù Oxé. Ela foi procurar Oxé e lhe disse:

- Eu estou disposta a fazer tudo o que você mandar.

Ele, então, mandou que ela comprasse uma tigela e várias coisas que seriam necessárias para o trabalho, até mesmo um preá. Ele também disse que quando a criança nascesse ela teria que repetir a oferenda e iniciar a criança. Ela fez a oferenda e depois de vários meses estava grávida.

Em nove meses nasceu uma linda menina. Esta menina foi crescendo e a mulher nada de dar a oferenda nem iniciar a menina. Um dia, a menina adoeceu e não havia mezinha que a botasse boa, até que, um dia, a menina disse à mulher:

-Mãe, eu sonhei que uma pessoa me dizia que a senhora tinha que pagar uma promessa que fez para um Odù, senão eu vou morrer.

A mulher ficou doida, comprou tudo e ofereceu para Oxé, e procurou iniciar a menina. Ela ficou boa e está até hoje.

III

Owo, filho de Obatalá, querendo provar o seu poder, resolveu aprisionar Ikú, que era por todos temido e respeitado.

Resolvido a cumprir sua determinação, deitou-se no chão de uma encruzilhada e ficou observando o que diziam as pessoas que o viam ali.

Foi desta forma que ouviu de um ancião do lugar, a seguinte pergunta: "O que faz este homem assim estendido, com a cabeça para a casa da morte, os pés para o lado da doença e os lados do corpo para o lugar da desavença?".

Ouvindo estas palavras, Owo levantou-se e afirmou vitorioso: "Já sei tudo o que precisava saber". E em seguida encaminhou-se para a fazenda de Ikú.

Lá chegando, entrou sorrateiramente e pôs-se a tocar o ilu que a Morte fazia soar sempre que saía para buscar alguém.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Ao ouvir o som do tambor, Ikú saiu indignado com a intenção de punir o atrevido que ousava tocar seu instrumento ritualístico e na pressa, não viu a rede que Owo havia estendido no caminho, embaraçando-se e sendo facilmente capturado.

Com a ajuda de uma corda, Owo amarrou Ikú bem amarrado e levou-o em seguida à presença de seu Pai, dizendo-lhe que, conforme havia prometido, estava trazendo à sua presença Ikú como prisioneiro. Assustado com tal atitude, Obatalá sentenciou: "Vá embora de minha presença e leva contigo tudo o que, de bom e de mal possa existir na face da Terra, inclusive a própria Morte. Parte agora pois te é dado o poder de conquistar tudo o que de material existir no universo".

Foi a partir deste dia que Owo e Iku passaram a caminhar lado a lado, o primeiro ensinando sempre o surgimento do segundo.

IV

Uma jovem muito pobre, conhecida pelo nome de Iyalode, era muito astuta e ambiciosa, o que a tornava perigosa.

Pretendendo melhorar sua situação, Iyalode foi consultar Ifá, na esperança de receber as orientações necessárias. No decorrer da consulta, surgiu o Odù Oshe Meji, que prescreveu um sacrifício que Iyalode tratou logo de oferecer.

No dia seguinte, quando passava pela porta do palácio do rei Oba Nla, a jovem foi acometida de uma fúria inexplicável e pôs-se, em altos brados, a culpar o rei pela situação de miséria em que vivia.

"O rei é um perverso insensível." gritava a jovem, "tem o que deseja e por isso não se incomoda com a miséria de seus súbditos!". As pessoas que passavam, ao ouvirem as acusações feitas pela jovem, tomaram partidos diferentes, alguns achando que ela estava coberta de razão, enquanto outros defendiam Oba Nla, por conhecerem sua bondade e senso de justiça.

Ao ser informado do que estava ocorrendo, o rei ordenou que a moça fosse imediatamente conduzida à sua presença, para um entendimento pessoal.

Frente a frente com o rei, Iyalode relatou suas desditas, chorou suas mágoas e falou de seus sonhos de jovem. Impressionado com a coragem da moça e com a sinceridade que marcava o seu caráter, Oba Nla, mandou que lhe fosse dado um aposento no palácio, onde a partir de



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



então, a jovem passou a residir cercada de todo o luxo e conforto que sempre desejou desfrutar, ficando desde então, encarregada de todo o ouro que pertence a Oba Nla.



Odù Òbàrà

I

"Aquele que oferece bebida aos Egúngun", foi aquele que criou ifá para Oka, da Terra de Iloro, e também para Ere, da estirpe da casa de Abata, bem como para Akeke, da linhagem da Casa de Epó e para Eyele, filho de Axeve.

Foi-lhes dito que todos deveriam fazer oferendas e eles assim o fizeram.

Então, eles puseram-se a cantar canções de louvor à sabedoria de Ifá e esses fundamentos diziam: Foi criado Ifá para Eji Òbàrà:

- "Pobreza não é motivo para brincadeiras. Não se debocha do sofrimento alheio!"

foi criado Ifá para Eji Òbàrà quando ele estava fazendo um cesto para guardar sua riqueza, embora todos estivessem rindo dele por trabalhar com as próprias mãos.

Foi-lhe dito, então, no jogo de Ifá, para que plantasse Pepinos e ele assim o fez. Na época certa, os pepineiros frutificaram, tendo crescido pepinos muito grandes e em grande quantidade, fora do comum. Então, Eji Òbàrà os colheu, cortou-os e os pôs para secar ao sol, mas não sabia o que fazer com tamanha quantidade.

Foi então que Ésù lhe disse para fazer uma Oferenda e Eji Òbàrà respondeu-lhe que já havia feito. Satisfeito, Ésù lhe disse que colocasse os pepinos na cesta da riqueza que for a ridicularizada e que os levasse à casa de Alara que Ésù sabia querer pepinos para as exéquias de sua mãe. E assim, Eji Òbàrà foi a casa de Alara e lhe vendeu pepinos. A seguir, Ésù mandou-o à casa de Ajeró e muitas outras mais, até que Eji Òbàrà veio a dominar as vendas nos 16 mercados de sua região, com os seus inesgotáveis pepinos. E tornou-se rico, muito rico! Então ele dançou expressando toda a sua alegria e assim também ele cantou louvores à sabedoria de Ifá, pois estava admirado com as suas próprias canções que diziam:

- "Foi criado Ifá para Eji Òbàrà: Pobreza não é motivo para brincadeiras; não se debocha do sofrimento alheio!"





ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Ele estava tecendo um cesto para guardar riquezas e todos debochavam porque ele só tinha Pepinos.

- "Eji Òbàrà – o que está vendendo?"...

- "Somente Pepinos!"

Agora perguntam espantados:

- "O que foi que o tornou tão rico?" – e eu respondo, graças a Ésù:

- "Somente pepinos".

//

Entre 16 irmãos que existiam na cidade de Ilé Ifè, o mais pobre era Òbàrà. Todos os anos os irmãos se reuniam e procuram um Bàbáláwo, para saber sobre novos negócios, pois eram muito ricos, só que não chamaram Òbàrà para acompanhá-los.

Ao iniciar o jogo, o Bàbáláwo verificou a falta de uma pessoa entre eles e falou:

- Quem é esta pessoa que está faltando entre vocês?

- O senhor deve estar se referindo ao nosso irmão Òbàrà, é o mais pobre entre nós, não o procuramos nunca, ele é a vergonha da nossa família.

Na África, é comum os Bàbáláwo darem presentes às pessoas que vão consultar. Logo após ter jogado para os 15 irmãos, o Bàbáláwo disse-lhes que não tinha grande coisa para dar-lhes, mas, tinha umas abóboras e assim fez, cada um ganhou uma abóbora de presente.

Os irmãos não gostaram do que haviam recebido alegando que abóbora é comida de porcos. Como estavam nas imediações da casa de Òbàrà, um deles deu a idéia de pernoitarem na casa dele e seguirem viagem ao amanhecer, e todos concordaram, um deles disse:

- Que tal deixarmos as abóboras para Òbàrà comer?

E todos assentiram que seria uma boa idéia.

Ao anoitecer chegaram à casa de Òbàrà e quem os recebeu foi sua mulher. Òbàrà saudou-os demonstrando sua satisfação com a visita de seus 15 irmãos e perguntou-lhes o que era aquilo que levavam, e eles explicaram que tinham ido consultar um Bàbáláwo e que o mesmo havia



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



dito que este seria o último ano de vida de Òbàrà, por isto eles estavam ali, para se despedir dele. Òbàrà e sua família ficaram perturbados com a notícia mas, mesmo assim, disse:

- Neste caso vou oferecer-lhes um último jantar em família, como manda o ritual.

Os 15 irmãos aproveitaram e comeram tudo o que tinha na casa de Òbàrà e pela manhã bem cedo arrumaram tudo para seguir viagem, e ao se despedirem, foram deixando suas abóboras para Òbàrà. Então começou a chover e chover durante 3 dias consecutivos fazendo com que faltassem todos os tipos de alimentos, foi aí que Òbàrà se lembrou das abóboras e mandou que a mulher fosse buscá-las para que pudessem comê-las. Òbàrà e sua família ficaram surpresos quando abriram a 1ª abóbora, estava cheia de moedas de ouro, a 2ª tinha brilhantes, a 3ª pérolas e, assim por diante, cada abóbora possuía uma riqueza dentro dela. Foi onde uma voz falou:

- Nunca contes nada do que possuis nem como conseguiste, senão, voltarás ao que eras.

A prosperidade para Òbàrà veio com abundância e meses foram passando, e os irmãos não entendiam porque faziam seus ebós e não dava certo, não conseguiam nada. Resolveram novamente procurar outro Bàbáláwo achando que aquele não tinha acertado com eles. E novamente o novo Bàbáláwo falou:

- Falta uma pessoa da família entre vocês, quem é?

E eles responderam:

- É Òbàrà, nosso irmão.

- Vocês estão aqui porque fizeram uns ebós e nada resolveram, o que fizeram com um grande presente que receberam?

E eles lembraram das abóboras presenteadas pelo outro Bàbáláwo e contaram que deram a Òbàrà por acharem um presente insignificante, e o Bàbáláwo disse-lhes:

- Pois vocês deram suas riquezas para seu irmão.

Eis que de repente, ouviram toques de clarins e o povo correndo e gritando pelas ruas para ver um homem riquíssimo, que vinha oferecer presentes ao Rei. Ao longe vinha um homem todo de branco montado em



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



um cavalo branco com arreios de prata acompanhado de escravos e soldados e todos gritaram ao mesmo tempo:

- É Òbàrà, o nosso irmão!...

O Bábáláwo riu, tornou a jogar e disse:

- Aí está a riqueza de vocês: estava nas abóboras.

Os irmãos não queriam acreditar no que estavam vendo, resolveram tomar tudo de volta. O Bábáláwo por sua vez terminou o jogo, e como é de costume, deus de presente a cada um uma moeda para que guardasse, e que aquele ano não seria bom para eles. Ao amanhecer os irmãos foram para a casa de Òbàrà. Lá chegando ficaram surpresos, a casinha de barro era agora um lindo palácio. O chefe da guarda pediu seus nomes para poder anunciá-los e, em seguida, voltou dizendo que seu amo não iria atendê-los porque tinha vergonha de apresentá-los às pessoas que o estavam visitando. Eles por sua vez disseram que só queriam suas abóboras de volta. Òbàrà mandou que os levassem ao chiqueiro dos porcos para que as abóboras fossem devolvidas, mas já estavam podres e comidas pelos porcos. E mais uma vez a voz falou:

- Òbàrà, cuidado, não reveles a ninguém sobre o que possues e como conseguiste, senão voltarás ao que eras.

III

Ebó: igbim, pombos, galos etc.

Um dia, mandaram o marido de uma mulher que fosse fazer um despacho impreterivelmente e que depois mandasse a sua senhora recolher-se. Que oferecesse angu de inhame com caruru e comidas outras bem-feitas à cabeça de sua mulher, a fim de lhe evitar o maior dissabor, um dissabor inqualificável na vida, pois lhe aconteceria a maioria das infâmias que possam existir sobre a terra para quem se preza. O dito homem não ligou a menor importância à advertência feita a ele.

Em rÊsúmo, um dia houve um ataque dos guerreiros, como sempre se dava naqueles tempos mais selvagens. Pilhavam tudo o que encontravam, saqueando o torto e a direito, até que, em dado momento, entraram na casa do casal mencionando, agarrando o marido e jogaram o candeeiro da luz na cabeça dele. Ele lutou e, em represália, puseram o



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



homem para assistir enquanto eles se serviam da mulher, no ato que o decoro pede muita reserva. Que golpe doloroso, meu Deus. Sim foi..

Como sempre acontece, não há mal que sempre dure, nem bem que nunca termine. Um dos assaltantes, condoendo-se com aquela cena tão deprimente, que não pôdia ser mais infame, perguntou ao homem se ele ia fazer o ebó que tinha deixado de despachar. E ele respondeu que sim, afirmativamente. Então, todos esses mesmos algozes ferozes reprovaram o seu procedimento de não cumprir o que lhe determinaram. Com acre censura, perdoaram-lhe a vida, dizendo-lhe nunca mais fizesse pouco caso daquilo que lhes falassem.

Diante desta história horrível, da qual foi descrita a cena horrível e tão inqualificável como repugnante, é este o epílogo sem par: é de bom aviso recomendar à pessoa para quem se deita essa mesa, vindo neste caminho, que tenha muita cautela, que não facilite, deixando de cumprir qualquer determinação, por mais ínfimas que sejam as suas pretensões. em todo caso, indica à pessoa que consulta que terá de passar por grande dissabor, oriundo de constrangimentos e sustos. Porém, se fizer por sanar, serão passageiras essas coisas ruins.

IV

Porque é que Sàngó sempre protege Ogbe Òbàrà

Ogbe Òbàrà usou o oráculo para Sàngó e ajudou-o quando este era muito pobre no Orun. O mesmo Ogbe Òbàrà era muito pobre, mas ao terminar de fazer o ebó convidou Sàngó a ir à sua casa na Terra, mas este não aceitou por não estar apresentável, pelo que Ogbe Òbàrà regressou sozinho.

Sàngó viu no Orun que o mundo dos humanos estava sujo e era mau pelo que jurou eliminar todos os malfeitores da face da Terra.

Quando Sàngó se preparava para começar a batalha a primeira coisa que aconteceu foi que um tornado começou a levantar os tetos das casas na Terra. Nesse momento Ogbe Òbàrà não estava na sua casa porque andava noutro lugar adivinhando para os necessitados mas a sua mulher estava e começou a cantar implorando clemência ao Orun quando viu que as árvores e as casas caíam com o passar dos ventos.

A canção indicou a Sàngó que nesse lugar se encontrava a casa do seu benfeitor pelo que o Òrìsà abandonou o seu plano de destruição e voltou ao Orun.





ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Odù Edi – Òdi

I

Ese'de, Ol'Obounboun e Ajija foram aqueles que criaram Ifá para o rei Ajigunwa.

Ifá diz que nós teremos um filho que vem do Além para o mundo, carregando um grandioso destino.

Ninguém será capaz de opor-se a ele ou impedi-lo em qualquer de seus empreendimentos: seu poder será grande e sua fama será reconhecida por todos.

Ele realizará seus desejos e seu nome será respeitado por todos, tal como o sol é conhecido e respeitado em todo o mundo.

O sacrifício é: 200 agulhas, uma ovelha, um pano branco, óleo de palmeira (Dendê) e uma moeda. E aquele que desejar tais coisas deve realizar este sacrifício.

II

"A criança que está agora no ventre, fala a sua mãe". Certo dia, quando Ifá encontrava-se ainda no ventre de sua mãe, estando ela ocupada em recolher lenha no interior de uma floresta, foi surpreendida por uma voz que dizia: "Mãe! Eu vou dizer uma coisa. Trata-se de um segredo que jamais deverá ser revelado!" - Espantada, a mulher começou a procurar no meio da floresta, pela pessoa que lhe falava, sem encontrar ninguém. Novamente a voz se fez ouvir: "O que estás procurando? Sou eu, teu filho quem está falando! Quero prevenir-te que no décimo sexto dia, a partir de hoje, me darás à luz! Neste mesmo dia haverá uma guerra em nossa vila e meu pai será morto pelo inimigo... Tu, minha mãe, serás capturada e separada de mim...".

No dia seguinte, ao raiar do sol, o menino novamente fez contato com sua mãe, dizendo-lhe: "Compreendeu bem o que te disse ontem? Faltam somente quinze dias para o acontecimento!...". E todos os dias de manhã ele falava com a mãe e no décimo sexto dia depois do primeiro contato, disse: "Eis que é chegado o dia!" E imediatamente iniciou-se o parto. No exato momento em que a criança vinha ao mundo, iniciou-se um ataque contra a cidade. Durante a batalha, o pai do menino foi morto e a mulher foi capturada e levada como escrava. Ifá, escondido em lugar seguro, viu quando um homem se aproximava e dirigindo-se a ele, implorou: "Leva-me contigo! Estou só no mundo. Meu pai está morto e minha mãe



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



reduzida à condição de escrava! Leva-me contigo e não te arrependers por fazeres esta caridade!"

Comovido, o homem pegou o recém-nascido e levou-o consigo em total segurança, para sua própria casa. Ifá imediatamente começou a realizar curas miraculosas. Sempre que alguém adoecia, o menino após identificar o tipo de doenças, receitava ervas que traziam a cura imediata. Todos os doentes recuperados faziam questão de pagar muito bem pela cura e desta forma, o homem que recolheu a criança tornou-se muito rico e poderoso. Naquele tempo, o país era governado por um rei chamado Lófin, que logo que soube dos milagres, chamou à sua presença o responsável pela criança, que ali chegando, narrou de que forma encontrara o pequenino, o pedido de ajuda e seus maravilhosos poderes sobrenaturais. O rei, entre espantado e descrente, afirmou: "Se isto é verdade, se este menino for realmente dotado de tantos poderes, ocupará ao meu lado, um lugar no reino deste país!"

Logo o menino foi transferido para o palácio e sempre que um familiar do rei adoecia, era por ele curado. Nada mais se fazia no reino sem uma prévia consulta a Ifá e suas orientações eram seguidas no mínimos detalhes. Com o passar do tempo, o menino cresceu e logo que se tornou adolescente, recebeu de Lófin uma cidade onde foi coroado rei. Seu milagres se multiplicavam, todos aqueles que sofriam vinham atrás dele em busca de auxílio. Sua fortuna aumentava a cada dia, possuía muitas mulheres e muitos servos, além de todas as coisas que representam riqueza para os seres humanos. Ifá na esperança de um dia encontrar sua mãe, adquiria escravas na mão de um mercador. Era chegado o dia em que se deveria comemorar a festa chamada Fanuwiwa que todos os anos se faz em honra a Ifá. As mulheres de Ifá, junto com suas escravas, ficaram encarregadas de pilar milho para intrOduzir a farinha que seria usada na festa. Entre as escravas estava a mãe de Ifá, que devido à situação miserável em que se encontrava, tinha medo de identificar-se e não ser aceita pelo filho. Enquanto realizava sua tarefa, a mulher entoava uma triste canção, na qual dizia: "Ifá Di-Meji, Tu não me conheces mais?" Ao ouvir a canção, Ifá ordenou que a mulher fosse levada à sua presença, interpellando-a da seguinte forma: "Então tu me conheces?" E a mulher respondeu: "Mas não fostes tu mesmo quem me anunciastes o dia do teu nascimento? Tu me dissestes que no décimo sexto dia virias ao mundo e que no mesmo dia teu pai seria morto e eu feita escrava". "És tu minha mãe!" Gritou Ifá e ordenou que a banhassem e oferecessem muitos e belíssimos vestidos, além de um torso branco para adornar a cabeça. Em seguida, Ifá fez com que a mulher se assentasse ao seu lado, sobre uma grande almofada branca denominada



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

ogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



akpakpo e pegando uma cabra, ordenou que a imolassem em honra de sua mãe, que passou desde então, a viver ao seu lado, cercada de todas as honrarias e reverências reservadas à mãe de um rei.

É por isto que sempre que se oferece um sacrifício a Òdí Meji, dever-se lembrar desta história e pega-se um akpakpo que serve de assento para Nã, um pano de cabeça (kpokun abuta), uma cabra, farinha de milho misturada com azeite de dendê (amiwo) e oferece-se a Nã Naxixe a mãe de Ifá.

///

Òdí Meji disse: "Metolôfi, por avareza, não quis sacrificar um boi, de malhas brancas e a morte veio buscá-lo."

Quando Ifá estava ainda no ventre de sua mãe, pediu que seu pai pegasse um boi malhado de branco e oferecesse em sacrifício, a fim de evitar que dentro de três anos, uma guerra viesse dizimar o seu reino. Seu pai negligenciou o sacrifício e no dia do nascimento de Ifá, seu pai morreu e sua mãe foi capturada como escrava.

Três anos depois, a guerra arrasou o país e Ifá mandou que Ajinoto, a parteira, o encerrasse dentro de uma cabaça, de forma que ninguém o pudesse ver. A parteira foi encarregada também, de avisá-lo logo que alguém passasse por perto, para que ele revelasse ao passante, a causa de seus sofrimentos e os remédios e sacrifícios que resolveriam todos os seus problemas.

Tudo ocorreu da forma como Ifá planejara e o homem que passou naquele local, não hesitou em levar para sua casa, a cabaça onde Ifá havia sido encerrado.

Para deslumbramento de todos, Ifá, de dentro da cabaça, dava conselhos, receitava medicamentos e resolvia os mais difíceis problemas.

Um dia, Ifá ordenou que alguém se dirigisse ao mercado onde, pelo preço de quarenta e um cauris, deveria comprar sua mãe que estava sendo vendida junto com outras escravas. "A primeira mulher que for oferecida deve ser comprada, pois esta é minha mãe".

Naquela época, Ifá costumava aceitar sacrifícios humanos no festival de Fanuwiwa.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Quando a escrava adquirida no mercado foi trazida, Ifá ordenou que lhe fosse entregue certa quantidade de milho, para que pilasse e transformasse em farinha destinada à preparação do amiwo.

Enquanto pilava o milho, a mulher ouvia os consultantes invocando Ifá, "Òrùnmilá! Akefoye! Agbo wi dudu nu do fe to!" (Òrùnmilá! Akefoye! Se teu nome é Ifá, jamais esquecerás de mim!). Reconhecendo em Ifá o seu próprio filho, a pobre mulher pôs-se a cantar em voz alta a saudação que ouvia: "Òrùnmilá! Akefoye! Agbo wi dudu nu do fe to!"

As pessoas contaram a Ifá sobre a mulher que cantava aquela saudação enquanto pilava o milho e Ifá ordenou que ela largasse aquele trabalho e que, no dia seguinte pela manhã, chamasse por ele, junto com seus fiéis, para que pudesse mostrar a todos de que forma deveria ser correctamente alimentado. Ordenou ainda, que fosse preparado um akpakpo e dois panos brancos de cabeça denominados kpokun abuta, proibindo a todos de olharem para aqueles objetos.

Como Ifá vivera até então, fechado dentro de sua cabaça, jamais havia sido visto por ninguém. Quando todos se afastaram, Ifá saiu de sua cabaça coberta por um grande chapéu, vestindo um avental de pérolas e calçando sandálias, indo sentar-se no alto de um tripé de onde gritou: "Olhem bem, sou eu Ifá! que ninguém viu jamais... A mulher que mandei comprar no mercado de escravos, deve ser trazida até aqui!"

A mulher foi trazida a sua presença e Ifá mostrou-a a todo mundo, dizendo: "Olhem bem, esta é minha mãe"! Quando eu estava no seu ventre, determinei que meu pai devesse sacrificar um boi malhado de branco, para evitar malefícios que já estavam previstos, mas meu pai não atendeu minha orientação e todo mal acabou por se concretizar.

Tanto tempo se passou e eu comprei esta escrava para ser sacrificada em minha honra. Entretanto não sacrificarei, não poderia trair minha própria mãe, mesmo que ela me tenha traído."

Dito isto, ordenou que cortassem os longos cabelos de sua mãe, que envolvessem sua cabeça com um belo torso branco e que a instalassem sobre a almofada akpakpo. Depois pediu um boi e um cabrito para serem sacrificados. Com a farinha moída por sua mãe, mandou preparar um amiwo para ela, que não poderia ser comido em sua presença.

Desta forma, assentada sobre um akpakpo, transformou-se ela em Nã, mãe de um rei.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Aos jovens que prepararam as carnes do boi e do cabrito, assim como o amiwo, ordenou que fosse dada uma parte de cada coisa, para que comessem depois da cerimônia.

Depois das cerimônias de Nã, aqueles que prepararam os alimentos a ela oferecidos, recebem uma pequena parte destes alimentos, parte esta que recebe o nome de kle ou kele e que só pode ser consumido depois que o Òrìsà for servido. (Este rito acompanha as cerimônias às Divindades Nagô sob o nome Atowo e as divindades Fon sob o nome de Nudide).

A mãe de Ifá disse então a seu filho que sentia-se muito envergonhada pois não merecia tantas honrarias e que naquela dia iria encontrar-se em Lõ (local para onde vão os espíritos dos mortos), com seu finado esposo.

"A partir de hoje, quando fizerem uma cerimônia em minha honra, digam: "Nã Kuagba! (Nã seja bem vinda!) e virei receber as oferendas." disse a mulher.

Nã disse ainda, que faria o Sol tornar-se mais brando ou mais quente, comandando-o de cima de seu akpakpo.

A partir de então, realiza-se sempre o ritual de Xe Nã (dar comida a Nã), quando terminam os festivais Fanuwiwa.

Odù Ogbe - Eji-Onilé – Eji-Ogbé

I

Òrùnmílá diz que as coisas devem ser feitas pouco a pouco,

Eu digo: é pedaço por pedaço que se come a cabeça do preá; é pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe.

Aquela que mora no Mar, Aquela que vinha na Lagoa, era a mais importante da cidade de Ifé, há muito tempo atrás.

Não somos tão grandes como o Elefante nem tão resistentes como o Búfalo.

A faixa de pano usada por dentro não precisa ser tão vistosa, quanto a usada por cima.

Nenhum rei é tão poderoso quanto o rei de Ifé; nenhum colar é tão longo quanto o de Yemideregbe, a Divindade do Mar.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Òrùnmílá diz que: deveríamos medir o comprimento e a largura; que a mão alcança mais alto do que a cabeça; que as folhas mais novas da Palmeira elevam-se muito mais que as folhas mais velhas.

Nenhuma floresta é tão densa que a árvore Iroko não possa ser vista; nenhuma música soa tão alto que o Agogô não possa ser ouvido.

"O meu é o mais importante, o meu é o mais importante", parece dizer o grito da Garça Real Cizenta. Bem, então de quem é o assunto mais importante? O assunto mais importante é claramente o assunto de Ifá, sem dúvida!

O espinheiro Okan brota abundantemente e acaba por alcançar o caminho; mas claramente o assunto de Ifá é o mais importante!

A liana Ogan cresce profusamente e quase impede o caminho; mas claramente o assunto de Ifá é o mais importante!

"O meu é importante, o meu é importante" parece dizer o grito da Garça Real Cizenta. Mas é claro que o assunto de Ifá é o mais importante!

Nenhuma música soa tão alto que o Agogô não possa ser ouvido. Mas claramente os assuntos de Ifá são os mais importantes.

Extraído do livro: "Ifá – O Òrìsà do Destino" – Mestre Itaoman

II

O Odù Ojonilé era muito respeitado pelas pessoas, que, ao mesmo tempo, lhe traziam muitos problemas, dizendo que ele trazia prenúncio de doença e mal-estar. Ele ficava triste e pensativo:

- Será que o que vale para o ser humano é só o lado negativo?

Ele pensou, pensou, comprou lágrimas de nossa senhora e fio, e começou a enfiar um rosário, sentado na porta de sua casa, muito triste. Então veio Odù Ossá, cabisbaixo, e disse:

- Boa tarde, Ojonilé! Será que você está com o mesmo problema que eu estou? Eu venho aqui para nós conversarmos. Eu quero conversar com Olorum, ir dar uma queixa das pessoas que ele pôs no aiyê, no mundo. Eu estou sendo acusado de trazer miséria, perdas e morte, e eu estou muito triste.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



É este o meu caso. As pessoas não se tratam, comem tudo o que é éwo, tudo que é quizila, não cuidam do seu ori, e com isto vem o desgaste, adoecem e dizem que sou eu o culpado! – respondeu Ojonilé.

- É o meu caso também! – disse Ossá – As pessoas gastam o desnecessário, não procuram estar em dia com os ancestrais, rogam praga ao semelhante, e você sabe que a mesma é dividida. E ainda dizem que eu sou aliado a Iku, a morte!

- Você veja o que é a humanidade! Vamos consultar Òrùnmilá.

Os dois saíram e foram à casa de Òrùnmilá, e fizeram suas queixas. Òrùnmilá ouviu com toda a atenção, pois o mesmo nunca deixa ninguém sair da sua casa sem uma resposta consoladora. Ele mandou que Ojonilé, para aliviar a sua tristeza, apanhasse o rosário que ele estava enfiando, mais um eruku, morim, ovo de patá, acaçá, vela e prato branco, e os oferecesse para os ancestrais, que, por sua magia, iriam lhe dar alívio.

- E eu, meu pai? – Ossá lhe perguntou.

- Você apanhe uma panela, aberém, cachimbo de palha e um chapéu de palha. Tome isto e vá embora, que você vai encontrar a solução no caminho. Eu vou lhe dar tudo o que você precisar:

Ossá e Ojonilé foram embora, cada um para seu lado. Na primeira curva da estrada. Ossá encontrou dois homens carregando uma rede com uma pessoa deitada. Ossá perguntou: :

- O que aconteceu com ele?

- Ah, meu irmão. Faz dias que ele não come, não levanta, não fala. Ele está quase morto.

Ossá, então, abriu o saco que estava com as coisas que Òrùnmilá lhe deu. Pensou no homem e destampou a panela de barro, botou tudo de dentro e botou o chapéu na cabeça do homem. Assim, o homem se levantou começou a falar. Todos da aldeia, que já estavam chegando para o funeral bateram palmas em homenagem a Ossá. A partir daquele momento, ele foi respeitado, e onde ele passava todos os saudavam.

Assim como ele, também Ojonilé, que fez a oferenda para Egun, começou a ser respeitado pelas pessoas.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



///

Afinal de contas os dezesseis OLODÙS tinham vindo para o mundo, era tempo para designar um lider entre eles. Ejiogbe não foi o primeiro OIOdù a vir ao mundo.

Muitos outros tinham vindo antes dele. Antes deles, Ojeku Meji que era o rei da Noite tinha estado reivindicando antiguidade. O fardo caiu sobre Òrìsá Nla (o filho de Deus, ou o representante de Òrìsá Nla na terra) para designar o rei dos OIOdùs. Olorún pediu a Òrìsá Nla que convidasse todos eles e lhes dessem um rato para compartilhar entre eles. OJEKU-Meji levou uma perna, Iwori-Meji levou a segunda perna, Idi - Meji levou uma mão e Òbàrà-meji levou a outra.

As outras partes foram compartilhadas na ordem de Antigüidade convencional.

A Ejiogbe que era muito novo foi determinado a cabeça do Rato.

Na ordem de sucessão, Òrìsá Nla lhes deu subsequentemente um peixe, uma galinha, um pombo, uma ave de guiné e finalmente uma cabra - os quais foram compartilhados todos de acordo com a ordem estabelecida com o rato. em cada caso, a Ejiogbe foi determinado a cabeça de cada um dos animais sacrificados.

Finalmente, Òrìsá Nla os convidou a virem até ele para uma decisão depois de três dias. Chegando em casa, Ejiogbe fez adivinhação e lhe foi dito que desse uma cabra para Èsú. Depois de comer a cabra dele, Èsú lhe falou que no dia designado, ele deveria assar um tubérculo de inhame e deveria manter isto na bolsa dele junto com uma abóbora de água. Èsú também lhe aconselhou que fosse tarde para a reunião dos OIOdùs no palácio de Olorún.

No dia designado, os OIOdùs vieram lhe convidar para a conferência mas ele lhes falou que ele estava assando Inhame no fogo para comer antes de ir para a reunião.

Depois que eles o deixaram, ele pegou o Inhame, descascou e manteve isto dentro da bolsa dele com uma abóbora de água. A caminho da conferência, ele conheceu uma mulher velha da mesma maneira que Èsú predisse e em concordância com o conselho dado a ele por ÈSÚ, ele aliviou a mulher velha do fardo de lenha que ela estava levando, porque ela já estava tão cansada que ela mal pôdia caminhar.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Depois de gratamente aceita a oferta, ela reclamou que estava terrivelmente faminta. Imediatamente Ejiogbe tirou o Inhame de dentro da bolsa dele e a deu de comer. Depois de comer o Inhame ela pediu água e ele lhe deu a abóbora de água que estava dentro da bolsa dele. Após a refeição ele levou a lenha nas costas enquanto a senhora velha caminhava junto com ele. Ele não percebeu que a mulher era a mãe de Òrìsá Nla.

Enquanto isso, como ele parecia ter pressa, a mulher velha lhe perguntou aonde ele ia com tanta pressa. Ele respondeu que ele já estava atrasado para a conferência a qual Òrìsá Nla ia designar um rei de entre o OIodùs. Ele disse que ele estava levando o tempo dele de qualquer maneira já ele era todavia muito novo para aspirar à monarquia dos deuses OIodùs de Òrúnmilà.

Na reação dela, a mulher velha o assegurou que ele ia ser feito o rei dos apóstolos. Quando eles chegaram na casa da mulher, ela lhe disse que depositasse a madeira na parte de trás da casa. Ele reconheceu a casa de Òrìsá Nla então ele percebeu que a mulher que ele tinha ajudado não era nenhuma outra pessoa se não a mãe de Òrìsá Nla seu filho. Ele então deu um suspiro de alívio. A mulher lhe disse que a seguisse dentro da casa dela. Em chegar lá ela tirou dois pedaços de pano branco, amarrou no ombro direito dele e o outro no ombro esquerdo dele. Ela inseriu uma pena de um papagaio vermelho então na cabeça de Ejiogbe e um giz branco na palma da mão direita dele. Ela depois lhe mostrou os 1,460 (legbeje de ota) pedras que estavam na frente da casa de Òrìsá Nla e o dirigiu a ir e ficar em pé em cima da pedra branca no meio. em seu novo equipamento, ele entrou ficou lá enquanto os outros esperaram na sala externa.

Depois de certo tempo, Deus perguntou aos outros por que eles ainda estavam esperando e todos eles responderam que eles estavam esperando por Ejiogbe.

Òrìsá Nla lhes pediu então o nome do homem que estava fora esperando. Eles mesmos nem puderam o reconhecer como Ejiogbe. Òrìsá Nla pediu a eles que prestassem cumprimentos ao homem. Um após o outro eles foram prostrar e tocar o solo com suas cabeças ao pé de onde Ejiogbe estava. Depois disso, Deus proclamou Ejiogbe formalmente como o rei dos OIodùs do parentesco de Òrúnmilà.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Quase por unanimidade, todos os outros OIodùs trovejaram em aborrecimentos e não disfarçaram a sua desaprovação ao compromisso de um OIodù novo ser o líder entre todos eles. Àquele ponto Òrìsá Nla lhes perguntou, como eles compartilharam os animais que ele lhes havia dado a durante os sete dias atrás.

Eles explicaram como eles os compartilharam. Ele lhes perguntou quem estava levando a cabeça de cada um desses animais e eles confirmaram que eles haviam dado as cabeças em cada caso para Ejiogbe. Òrìsá Nla exclamou então que eles eram aqueles que inadvertidamente designaram Ejiogbe para ser o rei deles porque quando a cabeça está fora do corpo, o resto não tem nenhuma vida nisto.

Naquela nota, eles todos saíram.

Quando eles deixaram a casa de Òrìsá Nla, todos eles decidiram persistir na disputa com Ejiogbe.

Não só tendo feito isto eles tomaram a resolução para não o reconhecer, eles também decidiram nem o servir nem o visitar. Antes de sair Ejiogbe compôs um poema que ele usou como um encantamento.

Oja Nii ki owo won jaa

Owuwu oni koo wo won wuu.

Ikpe Akiko kiiga akika deenu

IkPe orire kii gun orire deenu

Etuu kii olo tu won ni mo

Inu lo otin ire efo ebire waa

Com aquele encantamento especial, ele esperava neutralizar todas as más maquinacões contra ele. Ele usou folhas especiais para aquele propósito.

Depois daquele incidente, eles lhe falaram que antes que eles pudessem o aceitar como o rei deles, ele teria que festejar com todos eles:

200 cabaças de tubérculos de Inhame batido

200 panelas De SOPA preparada com diferentes tipos de carne

200 abóboras de vinho.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



200 cestas de noz de kola

Etc., etc. Ihe dando sete dias para organizar para o banquete.

Desnecessário dizer que parecia uma tarefa impossível porque eles sabiam que Ejiogbe não pôdia financiar um banquete daquela magnitude.

Ejiogbe se sentou lamentando em cima da pobreza dele, e a perspectiva de ser um pastor sem um rebanho.

Enquanto isso Èsú veio a ele para descobrir a causa da melancolia dele e ele explicou que ele não tinha nenhum dinheiro para financiar o banquete elaborado exigido pelos OIOdùs antes que eles pudessem concordar em submeter a ele. Èsú replicou que o problema pôdia ser resolvido se Ejiogbe lhe desse outra cabra.

Ejiogbe não perdeu nenhum tempo dando outra cabra a Èsú. Èsú lhe aconselhou que preparasse uma unidade de cada coisa depois de comer a cabra, exigiu para o banquete arrumar 199 recipientes vazios adicionais de cada artigo e os enfileirar fora da sala de banquete no dia designado. Ejiogbe seguiu o conselho de Èsú adequadamente.

Enquanto isso, cada um dos OIOdùs estavam fazendo gracejo dele desde que eles souberam que não havia nenhum modo que Ejiogbe poderia financiar o banquete.

No sétimo dia, eles começaram a visitá-lo e a perguntar um por um se ele estava pronto com o banquete. Considerando que eles não tiveram notícias o som de um pilão em morteiro da direção da cozinha dele, eles souberam que lá não ia ter afinal de contas nenhum banquete. Enquanto isso, tendo enfileirado os recipientes vazios, Èsú foi para a sala de banquete e comandou a única preparação para multiplicar nos recipientes vazios. Imediatamente, todas as cabaças, panelas de sopa, abóboras, cestas, etc., estavam cheias até em cima com preparações frescas e o banquete estava pronto.

Assim que Oyeku Meji chegou para a sala de banquete para descobrir o que estava acontecendo, ele foi surpreendido por ver que o banquete estava afinal de contas pronto. Sem esperar por qualquer convite formal, ele se sentou junto à comida. Ele foi seguido adequadamente através de Iwori-Meji Idi Meji, Obàrà Meji, Okonron-Meji, Irosun Meji, Owanrin-Meji, Ogúnda-Meji, Osa-Meji, Otuu Meji, Irete-Meji, Eka Meji, Eturukpon Meji, Ose Meji e Ofun Meji. Antes que eles percebessem o que estava



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



acontecendo, eles comeram todos os conteúdos e entretiveram os corações deles.

Depois do banquete, todos eles carregaram Ejiogbe alto sobre as cabeças deles e começaram a dançar numa procissão cantando:

Agbee Geege

Agbee Babaa.

Agbee Geege.

Agbe Babaa.

Eles dançaram no formato de procissão pela cidade. Quando eles chegaram para o banco do mar, Ejiogbe lhes disse que o pusessem no chão e ele cantou em homenagem aos awos que fizeram a adivinhação para ele e do sacrifício que ele fez. Com isso ele foi coroado o líder dos OIOdùs de Òrúnmilá formalmente com o título de Akoko-Olokun. Naquela mancha, ele sacrificou para caracóis nos bancos do mar e foi o último sacrifício que ele fez antes que ele se tornasse próspero e o trono começou a florescer.

IV

UMA LENDA DE EJIONILÈ

Ebó: bode, cálices, galos, galinhas, pedaço de penas de papagaio da costa. Em certa ocasião, estando reunidos todos os Òrìsàs sem exceção de nenhum deles, Òrúnmilá ordenou que aquele que quisesse fosse fazer o ebó anteriormente indicado, para que pudesse gozar de benefício que esse fim oferecesse. Entre todos, ninguém se prontificou a fazer o tal despacho, senão ÒÒRÌSÀ'NLÁ, que era, no princípio, um homem que habitava em um sítio quase ermo, vivendo sozinho, pois só mais tarde foram chegando Ògún, depois Odé, Omolu, Òsún, Yiemonjá. Enfim, todos os Òrìsàs, sem distinção de sexo. ÒÒRÌSÀ'NLÁ foi cortador de dendê e carregador de lenha, até ficar com o pescoço torto. Era corcunda por ter caído de uma árvore. Em conclusão, ÒÒRÌSÀ'NLÁ fez todos os serviços íntimo e baixo na terra, pois que ele era quase seu único habitante aquele a que os que imigravam para lá pediam um sítio para habitar. E lá se foi formando uma das cidades mais poderosas do mundo naquela época.

Um dia, todos se reuniram para deliberar sobre o seguinte problema: tinha se tornado preciso ter uma pessoa que figurasse como o chefe.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Marcado o dia, todos lá se foram, até mesmo ÒÒRÌSÀ'NLÁ, que tinha feito o ebó. Olocum, a dona do oceano, dera a ÒÒRÌSÀ'NLÁ uma peça de pano que ele levou para fazer o vestuário de cima e de baixo; e também lhe dera algumas penas de papagaio da costa para se enfeitar. Assim, foi ÒÒRÌSÀ'NLÁ colocado em primeiro lugar entre as pessoas presentes e, desse momento em diante, lhe apresentavam credenciais como rei.

Todos os Òrìsás que habitavam ali naquele tempo diziam que pelos trajes ÒÒRÌSÀ'NLÁ destacava-se de todos, demonstrando ser o chefe de todos, "O maior dos Òrìsás". Olocum tornou-se senhora e possuidora de tudo o que existia sobre a terra, pois o velho adágio que diz que as águas correm para o mar e que o oceano é muitíssimo mais rico do que os continentes. Pela descrição anterior, larga e detalhada, circunstancialmente assinala, é indicado nesse caminho de Odù, quando vem nesta forma, que admiravelmente há máxima proteção para quem se põe o jogo. São patentes os efeitos benéficos de Ejionilè, qualquer que seja a pretensão.



EJIONILE MEJI

Naquele tempo, a Terra havia sido criada e sua extensão ainda era muito pequena, estando a maioria do globo, coberta pelas águas do oceano.

Olofin ordenou que os orishas, viessem habitar sobre a pequena faixa de terra firme então existente, pra ali estabelecerem o ambiente necessário, para o surgimento da vida humana.

Todos foram consultar Òrùnmilá e na consulta, surgiu a figura de Ejiogbe (Ejionile), sendo determinado um sacrifício, que todos os Orishas deveriam oferecer, para que suas missões fossem coroadas de sucesso.

Como o ebó determinado fosse muito dispendioso, todos, com exceção de Orishala, negligenciaram-se a fazê-lo e assim, rumaram para a terra recém criada.

Como Orishala oferecera o seu sacrifício, foi o primeiro a chegar, já que Èsú lhe indicara o caminho mais curto e sem qualquer obstáculo. Aos outros, Èsú criou todos os tipos de dificuldades e desta forma, ao chegarem a terra, encontraram Orishala já estabelecido.

Durante o tempo em que Orishala permaneceu sozinho sobre a terra, teve que fazer, com suas próprias mãos, todo tipo de serviço pesado,



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



como cortar e carregar lenha para a construção de seu palácio, o que lhe provocou uma deformação nas costas, passando, a partir de então, a caminhar apoiado num cajado.

Um a um, os Orishas foram chegando e toda a terra já estava cercada e plantada, sendo Orishala seu legítimo dono.

Sem ter onde ficar e estabelecer seus reinos, reuniram-se em assembléia, para deliberarem de que maneira iria proceder, para que pudessem cumprir suas missões e a esta reunião, orishala também compareceu.

"Que desejam, agora que realizei todo o trabalho pesado? "Perguntou o poderoso Funfun. "Só lhes resta habitarem as profundezas de Okun, já que ao chegarem, encontraram toda a terra trabalhada por mim!"

Diante da posição do Orishala, os demais Orishas prostraram-se diante dele e com os rostos encostados no solo, suplicaram que lhes desse um pedaço de terra firme, para que pudessem realizar seus trabalhos e que ficasse ele mesmo com os mares e toda a riqueza neles contidas.

Orishalá então, nomeou Olokun, seu filho mais velho, para reinar sobre os Oceanos, enquanto ele reinava sobre todo o planeta, concordando em distribuir, entre todos os Orishas, um setor da natureza, para que ali pudesse estabelecer os seus reinados, sempre prestando obediências a ele, coroado e aclamado por todos, como o rei dos reis.

A partir de então, por ter feito o ebó determinado, Orishalá passou a ser o mais importante dentre todos os Orishas, seus reinos se expandiram, na medida em que as águas do mar iam deixando mais e mais terras habitáveis e os demais Orishas puderam cumprir suas missões, governando os elementos e as diversas manifestações da natureza.

VI

Os prodígios de Ejiogbe

A pessoa com quem se encontrou Ejiogbe quando ia ao mercado era um inválido chamado Aro. Tal como faria com uma mulher grávida, Ejiogbe disse a Aro que ele tinha um problema, mas o inválido lhe respondeu que ele, Ejiogbe, é que tinha problemas. Ejiogbe então sacou do seu Iroké (a vara da autoridade) e apontou-a para as mãos e pernas do inválido, que se levantou e caminhou rapidamente. Foi então quando Aro compreendeu que diante dele não estava um rapazinho mas sim um verdadeiro sacerdote de Ifá.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Aro caiu de joelhos para agradecer a Ejiogbe por tê-lo curado da invalidez que o havia acompanhado desde o seu nascimento e este aconselhou-o que fizesse oferendas a Òrúnmilà e que no futuro não ocultasse os seus problemas, porque senão nunca Oloddumare se inteiraria e responderia aos seus pedidos. Ejiogbe comentou que aquele que oculta os seus males será enterrado com eles.

Depois disto, Ejiogbe encontrou um cego e perguntou-lhe se tinha algum problema. O cego respondeu que não tinha de certeza absoluta nenhum problema. Uma vez que Ejiogbe apontou a sua vara de adivinhação na direção dos olhos do homem, imediatamente ele recuperou a visão. O homem estava cheio de alegria mas Ejiogbe aconselhou-o a que se convertesse num seguidor de Òrúnmilà para reduzir ao mínimo a sua dívida para com a Humanidade. Também lhe disse que oferecesse um galo à sua cabeça quando regressasse a sua casa. Dito isto Ejiogbe seguiu o seu caminho.

Quando a terra foi criada pela triade divina OIodumare-Olofin-Eledá, não existia nada. Nesse tempo foi entregue o comando do mundo a Oyekú por ser o maior dos 16 reis de Ifá.

Durante o reinado de Oyekú tudo era silêncio e obscuridade, só deambulavam pelo mundo Ikú e os espíritos não evoluídos, o primeiro criado por OIodumare. Com o passar do tempo a terra já cansada de não evoluir devido à presença do nada e desses espíritos que não avançavam, decidiu fazer um ebó, com o qual conseguiu que Olorún (o sol) a escutasse e a atraísse para perto dele. Isto teve como consequência que aparecesse pela primeira vez sobre a terra a luz do sol, com a qual chegou Eyiogbe a nosso planeta, que era claridade e luz, tudo ao contrário de Oyekú.

Desta forma Oyekú foi destronado por Eyiogbe que se converteu no primeiro dos reis de Ifá passando Oyekú a ser o segundo. Tal foi a soberba de Oyekú que se dirigiu ao castelo de Olofin a queixar-se pelo sucedido e a informá-lo que Eyiogbe criava vida, mas também a destruiu rapidamente devido a que o sol aquecia a terra constantemente queimando tudo o que existisse e secando mares e rios.

Olofin vendo de que isto era verdade e mediando para que cessasse a disputa entre os dois reis, proclamou que metade do tempo fosse reinado por Eyiogbe e a outra metade por Oyekú, nascendo assim o dia e a noite.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



VIII

Porque é que Sàngó sempre protege Ogbe Òbàrà

Ogbe Òbàrà usou o oráculo para Sàngó e ajudou-o quando este era muito pobre no Orun. O mesmo Ogbe Òbàrà era muito pobre mas ao terminar de fazer o ebó convidou Sàngó a ir à sua casa na Terra, mas este não aceitou por não estar apresentável, pelo que Ogbe Òbàrà regressou sozinho.

Sàngó viu no Orun que o mundo dos humanos estava sujo e era mau pelo que jurou eliminar todos os malfeitores da face da Terra.

Quando Sàngó se preparava para começar a batalha a primeira coisa que aconteceu foi que um tornado começou a levantar os tectos das casas na Terra. Nesse momento Ogbe Òbàrà não estava na sua casa porque andava noutra lugar adivinhando para os necessitados mas a sua mulher estava e começou a cantar implorando clemência ao Orun quando viu que as árvores e as casas caíam com o passar dos ventos.

A canção indicou a Sàngó que nesse lugar se encontrava a casa do seu benfeitor pelo que o Òrìsà abandonou o seu plano de destruição e voltou ao Orun.

Odù Osa

I

Koko Orokun foi aquele que criou Ifá para Yewere, quando ele foi castigar os desonestos coletores de tributos reais e seus ajudantes. Confrontados, estes disseram que Yewere não poderia castigá-los, mas ele disse que iria castigá-los e efetivamente castigou-os.

Quando Yewere retornou a seu lar, encontrou toda a sua família prostrada pela doença. Então ele procurou os Babaláwo e eles lhe perguntaram com quem ele havia brigado e que a menos que ele fizesse uma Oferenda, não seria capaz de vencer os seus inimigos.

Yewere, então, ofertou: dois pombos, nove obi (noz de kola), uma galinha e um galo. Feita a Oferenda, os Babaláwo recitaram a seguinte Ofô (oração), em intenção ao sucesso de Yewere:

-“Nós expulsamos a Morte para fora desta cidade”! Yewere, você é aquele que castiga os desonestos coletores de tributos reais e seus ajudantes!



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Nós expulsamos a Doença para fora desta cidade ainda hoje! Yewere, você é aquele que continuará castigando os desonestos coletores de tributos reais e seus ajudantes."

Ifá diz: há alguém que deveria ser muito cauteloso para não brigar sem ter uma justa causa, porque, se ele for envolvido na luta, sua família poderá ser afetada pela doença e aflição. Ifá diz ainda: que este alguém deveria fazer uma Oferenda para que aqueles que estão doentes em sua família possam restabelecer-se da doença que lhes foi enviada por ofenderem aos Orisá.

//

O nascimento de Osá Meji e as suas primeiras dificuldades

Estando no orun, um dia Osá Meji fugia de Iyamí Ochooronga e escondeu-se no ventre da primeira mulher que encontrou. Ele não sabia que igualmente corria perigo porque a mulher era membro do culto a Iyamí Ochooronga (rainha do mundo da feitiçaria). Quando Osá Meji nasceu, chorava todas as noites, e ninguém sabia por que o fazia. Apenas começava a chorar tratavam de tranquilizá-lo, mas só a sua mãe conhecia o segredo dele chorar tanto, à exceção de seu pai que só tratava de acalmá-lo, sem saber a verdade. O menino chorava para interromper o ritual que preparava a mãe para sacrificar o seu esposo ao culto dos feiticeiros. Isto repetiu-se todas as noites até que Osá Meji cresceu o suficiente para falar. Chegou um dia em que, em vez de chorar, gritava o nome de Iyamí Ochooronga, o qual desconcentrava a mãe quando se dispunha a preparar o ritual de sacrifício. Isto ocorria no mundo dos sonhos. Uma noite, os feiticeiros reuniram-se com a mãe de Osá Meji para perguntar-lhe porque sempre interrompia abruptamente o sacrifício, e ela explicou que nesse preciso momento, o seu filho gritava o nome de Iyamí Ochooronga, a feiticeira maior. A mãe recebeu instruções para que levasse o seu filho à próxima reunião, onde se faria um banquete. Chegou o dia da assembléia, onde todos os feiticeiros haviam colaborado com dinheiro para realizar o cerimonial sobre as suas cabeças nessa noite. Todos receberam o ritual, e quando chegou à vez de Osá Meji, este permitiu que lhe fizessem o cerimonial, mas não comeu do bode utilizado porque não havia contribuído para comprá-lo, já que não pertencia ao culto da feitiçaria. Na manhã seguinte, Osá Meji despertou e foi onde ter com o seu pai para contar-lhe sobre o sonho que havia tido e o aconselhou a que fizesse um cerimonial à sua cabeça com um bode. Disse-lhe que fazendo-o se curaria, já que tinha estado doente por muito tempo. O pai seguiu o conselho do filho e comprou um bode para fazer a



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



cerimônia. Depois de feito o sacrifício, Osá Meji tomou parte da carne do bode e a colocou numa frigideira, com azeite, sal e areia do chão, pondo tudo no fogo. Essa foi a primeira vez que um humano fez uma oferenda aos Anciãos da Noite. Depois do oferecimento foram dormir, e no dia seguinte a mãe não despertou e o pai curou-se.

Posteriormente Osá Meji contou ao pai que sua mãe era a responsável da sua doença, que ele tinha contatado com o mundo da feitiçaria através dos seus sonhos, vendo tudo o que ela fazia. Desde esse dia, as pessoas sempre respeitaram a Osá Meji e o convidavam cada vez que faziam um cerimonial à sua cabeça para que ele o realizasse.

Odù Ofun

/

Asare Ak'Asan foi aquele que criou Ifá para "Olho" quando ele ia indo para ser sagrado Rei.

Foi-lhe dito que ele deveria sacrificar dois pombos, dois ovos de galinha, 15 moedas e um pouco de manteiga vegetal.

Mistura-se a manteiga vegetal com as folhas da planta "Jenjoko". A esta pasta, mistura-se o sangue de um dos pombos com os dois ovos nessa mesma mistura e com o resultado final unta-se o corpo.

"Olho" realizou este sacrifício.

Ifá diz: há alguém para quem a Divindade reservou um portentoso destino; destino este que afetará toda a sua família da mesma forma que ninguém pode ver seus olhos!

E há ainda uma criança a quem a Divindade erguerá a uma posição muito importante na vida, mas ela precisará fazer uma Oferenda muito boa para evitar os inimigos!

//

Ofun era um homem muito bondoso, que só se aborrecia quando via uma pessoa de preto ou vermelho. Até seu cabelo e sua barba eram brancos, embora fosse um homem novo. Ele andava com um saco nas costas, onde trazia efum, ori e um camaleão, e andava rezando muito.

Ofun ganhava muitos adeptos, mas todos eram jovens. O mais velho era ele, e todos os seus seguidores eram pessoas paupérrimas.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Um dia, Ofun sentou-se embaixo de um pé de baobá, com o seu povo, para beber a água da árvore. Nesse momento, ele ouviu uma voz que lhe dizia que na primeira casa em que ele parasse sacrificasse o camaleão, dissesse a todos para comer acaçá e obi, e que com a pele do camaleão fizesse um pó para passar um corpo de todos. A voz também lhe disse que em algum ponto da estrada todos iriam ter uma surpresa. Isto tudo Ofun fez. Quando acabou de fazer tudo isso com o seu povo, todos começaram e andar e a se sentir felizes. Por todos os lugares que eles passavam, ganhavam presentes, trabalho e muito dinheiro. Todos mudaram de vida, tendo muita paz e harmonia. É por isso que existem histórias que os mais velhos contam que quem é regido pelo Odù Ofun nunca morre de fome e, no final da vida, sempre alcança felicidade, respeito e dinheiro. Mas com isso não vamos ficar pensando que podemos ficar sentados num canto esperando que caia dinheiro e comida do céu.!

Orishala por adquirir o costume de embriagar-se, caiu em desgraça diante de Olofin que, como castigo, impôs-lhe o descrédito e o desrespeito dos homens.

Por onde passasse, era apontado como ébrio e irresponsável e as mesmas pessoas que antes lhe prestavam reverências, agora viraram-lhe as costas e riam de sua presença de forma irreverente e zombeteira.

Cansado de tanta humilhação, o Òrìsà resolveu buscar auxílio no oráculo de Ifá e na consulta surgiu Ofun Meji que além do sacrifício de praxe, proibiu que voltasse a se aproximar de emu.

O sacrifício exigido era composto de uma ovelha, duas galinhas, um eleke de contas brancas, panos brancos e dezesseis penas de ekÒdide.

Depois de oferecidos os bichos a Ésù, Orishalá teve que envolver-se em panos brancos e arrumar as dezesseis penas ao redor de sua cabeça. Isto foi feito antes do nascer do Sol e o Òrìsà foi então, com o eleke no pescoço, colocar-se no alto da montanha que ficava na entrada da cidade.

Na alvorada, os raios do Sol nascente surgiram por trás de Orishalá e passando entre as penas causaram a impressão de que labaredas de fogo saíam de sua cabeça. Apavorados diante de tal visão, os moradores da cidade lançaram-se ao chão gritando aterrorizados "Hekpa Baba!" E todos mantinham os rostos colados sobre o solo.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Foi então que o poderoso Òrìsà, livrando-se do vício da bebida pôde recuperar o prestígio entre os homens e as graças de Olofin.

Por este motivo, os filhos de Orishalá têm o emu como uma das suas principais interdições, não devendo sequer permanecer onde quer esteja sendo consumido por seres humanos.

Odù Owarin

I

Os Babaláwo das cidades de Ido, Òtún, Oto, Oyá e Koro foram aqueles que criaram Ifá para o Òrìsà Òrùnmilá quando este saiu em jornada, para praticar a Adivinhação Sagrada na cidade de Oyá.

Foi-lhe, então, dito que ele deveria ofertar dois galos, um pombo, três obis (nozes de kolla) e um frasco de óleo de dendê para que sua jornada fosse pròdùtiva e rendosa. O Òrìsà Òrùnmilá fez as Oferendas e ele próprio as conduziu à ribanceira de um rio.

Ifá diz: deveríamos fazer as Oferendas em atenção à jornada que iremos fazer, a fim de que possamos trazer para a nossa casa os frutos de nosso trabalho.

II

Owonrin Meji fazia parte do elenco de Odùduwa e vivia em sua companhia e de seus irmãos, num lugar lá no alto.

Ele era por demais violento, atacava indiscriminadamente homens e animais e não hesitava em abater maldosamente a quem avistasse.

Descontente, Odùduwa mandou chamá-lo à sua presença mas, temendo ser castigado, Owonrin Meji refugiou-se sobre a Terra.

Descoberto o esconderijo, Odùduwa ordenou que se transformasse em Sakpata e que passasse a viver para sempre na Terra em que vivem os homens e os bichos. É por isso que, sempre que alguém faz um juramento sobre Sakpata, deve recolher uma pitada de terra do chão e engolir.

III

Existem duas qualidades de Sakpata, um chamado Zunxolu, Rei da Floresta, é selvagem e o outro, chamado Je-Xolu, Rei das Pérolas, é doméstico.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Je-Xolu possuía duzentos cavalos e igual número de bois, galinhas d'Angola, igbis, galinhas e galos caipiras, cabritos, cães, gatos e porcos. Era nesta época solteiro e, todo animal que começasse a criar reprodizia-se abundantemente, mas por proibição de Owonrin Meji, signo pelo qual veio ao mundo, estava impedido de abater qualquer animal.

Certo dia um desconhecido, abatido pela fome, bateu em sua porta e Je-Xolu, não tendo como alimentá-lo, sacrificou uma galinha, oferecendo-a ao estranho.

No outro dia surgiu outro estranho, ao qual foi oferecido um cabrito. No outro dia a um terceiro, foi oferecido um porco, a um quarto, um cavalo e depois, a um outro, um boi.

Desta forma foi sendo abatido um animal de cada espécie, até que chegou a vez da galinha d'Angola que, na hora de ser sacrificada, pôs-se a gritar: "Tu vais me matar! Tu vais me matar!" Com estes gritos todos os animais despertaram.

Na manhã seguinte, os animais se reuniram num lugar secreto e constataram que, de cada espécie, faltava uma unidade e concluíram: "é isto o que nosso dono pretende fazer a todos nós, ele nos matará a todos".

Naquele tempo, Zunxolu nada possuía de seu, nem jamais fizera qualquer prece a Odùduwa para que o grande VOdùm dispensasse alguns bens em seu favor.

No dia exato em que os animais pertencentes a Je-Xolu estavam reunidos, Zunxolu passou pelo local, havendo se alimentado somente de ervas, por todo o caminho, cujos restos ia abandonando em seu percurso.

Os animais vendo as folhas e raízes caídas no chão, foram seguindo a trilha, acabando por chegar a casa de Zunxolu que, neste exato momento, tinha diante de si uma galinha d'Angola que se destinava a um sacrifício. Vendo a casa invadida por tantos animais, entre os quais inúmeras galinhas d'angola, Zunxolu pegando um pouco de oshe- dudu (sabão preto ou sabão da costa) salpicou de preto sua galinha para que não se confundisse com as muitas que acabaram de chegar. É preciso que se saiba que, naquela época, as galinhas d'angola eram inteiramente brancas.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Quando todos os animais acabaram de entrar em sua casa, Zunxolu tocou-os todos para dentro de um grande aposento que possuía, trancando-os. Depois, munido de um sino, pôs-se a badalar para apressar alguns animais que pudessem ter se atrasado no caminho.

No dia seguinte, Je-Xolu dando falta de seus bichos, resolveu sair para procurá-los e, seguindo as pegadas chegou a casa de Zunxolu, a quem, depois de saudar, perguntou: "Todos os meus animais desapareceram, não terá você visto para onde eles foram?"

"Não, tenho aqui apenas uma galinha d'Angola que crio para oferecer em sacrifício!" responde o outro, mostrando sua galinha d'Angola.

Todos os animais presos no quarto, ouviram a conversa e, apesar de reconhecerem a voz de seu verdadeiro dono, ficaram bem quietos para não terem que segui-lo de volta, correndo o risco de serem posteriormente sacrificados para servirem de alimentos para alguém.

Foi assim que Zunxolu ficou com tudo e Je-Xolu sem nada. É por isto que quando a variola entra numa casa não se deve imolar qualquer animal, nem permitir que corra sangue no chão. Se esta regra não for obedecida, a fúria da doença será incontrolável e ela transformando-se em epidemia, se alastrará por todo o país.

Não se deve violar a interdição de Sakpata.

Odù Ejilasheborá

/

Eru'ko foi aquele que criou Ifá para eji Iwori, quando ele ia para a cidade de Oyó. Foi-lhe dito que ele devia sacrificar dois pombos, dois ovos de galinha e uma moeda.

Disseram-lhe que ele não se depararia com nenhum mal onde quer que ele fosse, mas, ao contrário, ele receberia uma benção.

Ifá diz que não permitirá que vejamos o Mal, no assunto para o qual se procurou a Adivinhação sagrada de Ifá.

Por isso, deve-se cantar para espantar o Mal ou o castigo:

"Você não verá o Mal, Iwori Meji!"



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



//

Houve uma época em que Aganju reinava sobre uma grande extensão de terra e Sàngó era seu primeiro ministro, submetido então às suas ordens.

Formaram então, uma nação muito poderosa, que havia dominado por força de seus exércitos, a diversos povos, que tinham que pagar periodicamente tributos de guerra, em forma de todos os tipos de alimentos.

Aganju possuía muitos e fiéis amigos e Sàngó, mulherengo como ninguém, tinha um grande número de esposas e concubinas.

Periodicamente, os povos dominados por Aganjú enchiam barcos com alimentos e enviavam-nos, rio a baixo, em direção à capital do reino.

Sàngó reuniu um grupo de homens chefiados por um de sua inteira confiança, encarregando-os de interceptar os barcos de alimentos destinados a Aganjú, o que acabou por criar um problema muito sério.

Interrompido o abastecimento de gêneros alimentícios na capital, a fome passou a habitar o palácio real, onde viviam apenas nobres e guerreiros, que nada produziam e que serviam apenas de sustento ao sistema estabelecido.

Preocupado com a situação, Aganjú enviou alguns guerreiros de sua confiança para, de forma secreta, verificarem o que estava acontecendo. Os homens foram se espalhando, escondidos por toda a margem do rio, em determinado momento, viram uma grande embarcação carregada de quiabos e muitos sacos de farinha, aproximando-se ao sabor da corrente.

Repentinamente, os homens de Sàngó, chefiados por um tal Ogan, aproximaram-se da margem do rio e, esperando que a embarcação se aproximasse, lançaram cordas de forma que o curso do barco fosse interrompido. Imediatamente o cargueiro foi puxado até à margem e ali, depois de descarregado, foi totalmente destruído para não deixar vestígios do acontecido.

Perpetrado o roubo, os guerreiros de Aganju lançaram-se sobre os ladrões que lograram fugir com a exceção de Ogan que foi capturado e conduzido à presença do rei.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Apresentado ao povo como responsável pelo desaparecimento da comida, Ogan foi condenado a tocar Ilú, dia e noite, para que as pessoas dançassem enquanto cantavam:

Lu manlo, emanlo,

Lu manlo, emanlo!

Mojee mofile

Eni oma mofile,

Mojee mofile!

Tradução: Baila e faz bailar,

Baila e faz bailar!

Em pagamento pela comida

Que foi consumida

E que nos pertencia!

Foi a partir de então que Sàngó tornou-se rei em suas terras, libertando-se do poder de Aganjú que, para poder receber os alimentos a que tem direito, deve usar dos atributos de Sàngó, uma vez que tudo o que lhe é endereçado, passa primeiro diante deste Òrìsá.

Odù Oyeku – Eji Ologban

/

Agada foi aquele que criou Ifá para Olasumogbe, quando ela estava chorando e se lamentando por não ter descendência.

Foi-lhe dito que ela devia sacrificar uma cabra, os pelos do rabo de um cavalo, uma roupa tecida em casa e onze moedas.

Olasumogbe ofereceu o sacrifício prescrito.

Foi-lhe dito, então, que ela deveria fazer um segundo sacrifício, para que ela também pudesse viver o suficiente e ver o seu filho receber um título honorífico.

Pouco tempo depois, Olasumogbe engravidou e teve um menino.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Quando ele cresceu, foi nomeado sacerdote supremo do Imolê Osara.

No dia em que ele foi receber este título, começou a chover muito forte.

Mas ele desejava parar para cumprimentar sua mãe, pois, quando um chefe é empossado, deve andar pela cidade acompanhado de seus seguidores e amigos, visitando e cumprimentando parentes e autoridades.

A chuva começou a cair e a bater fortemente no chão e, então, o filho de Olasumogbe começou a cantar:

-"Olasumogbe, eu não posso parar para ver você; mas, apesar da chuva e de estar nela, eu conheço o Rei!"

A partir desse dia, o povo da região de More canta este canto no festival em honra dos Imolê Osara e Oloxé.

Ifá diz que esta é a mulher que deseja filhos e que, se ela fizer os sacrifícios, ela terá um filho.

E ela viverá para ver seu filho receber um título honorífico e poder.

Okitalande



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



//

Patakí sobre a luta entre Oyekú e Eyiogbe depois da criação do mundo

Quando a terra foi criada pela tríade divina OIodùmare-Olofin-Eledá, não existia nada. Nesse tempo foi entregue o comando do mundo a Oyekú por ser o maior dos 16 reis de Ifá.

Durante o reinado de Oyekú tudo era silêncio e obscuridade, só deambulavam pelo mundo Ikú e os espíritos não evoluídos, o primeiro criado por OIodùmare. Com o passar do tempo a terra já cansada de não evoluir devido à presença do nada e desses espíritos que não avançavam, decidiu fazer um ebó, com o qual conseguiu que Olorún (o sol) a escutasse e a atraísse para perto dele. Isto teve como consequência que aparecesse pela primeira vez sobre a terra a luz do sol, com a qual chegou Eyiogbe a nosso planeta, que era claridade e luz, tudo ao contrário de Oyekú.

Desta forma Oyekú foi destronado por Eyiogbe que se converteu no primeiro dos reis de Ifá passando Oyekú a ser o segundo. Tal foi a soberba de Oyekú que se dirigiu ao castelo de Olofin a queixar-se pelo sucedido e a informá-lo que Eyiogbe criava vida mas também a destruía rapidamente devido a que o sol aquecia a terra constantemente queimando tudo o que existisse e secando mares e rios.

Olofin vendo de que isto era verdade e mediando para que cessasse a disputa entre os dois reis, proclamou que metade do tempo fosse reinado por Eyiogbe e a outra metade por Oyekú, nascendo assim o dia e a noite.

Odù Ika – Ika Ori

/

Opopo da linhagem da Casa de Ila e Ope Kékêrê foram aqueles que criaram Ifá para a população da cidade de Ilabesan, no dia da morte de seu rei.

Foi-lhes dito que eles precisariam capturar um Elefante, para com ele fazer um sacrifício. Mas, entretanto, todos os caçadores da cidade falharam na tentativa de capturar um Elefante.

Então, apresentou-se a Tartaruga dizendo que ela capturaria um Elefante para a cidade.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Desta forma, ela reuniu uma grande e variada quantidade de bons alimentos e com eles saiu à procura de um Elefante. E, ao deparar-se com ele, foi-lhe logo dizendo: -"Estes são os alimentos que você, Elefante, haverá sempre de comer se vier comigo até à cidade para que o façamos nosso rei, porque o anterior morreu e você é aquele que o povo deseja para nosso rei!"

Quando o Elefante ouviu isto, aquietou-se, ficou feliz e seguiu a Tartaruga que cantava pelo caminho de volta à cidade:

- "Eis aí o Elefante e o faremos nosso rei."

E, assim, a Tartaruga cantou até que os dois se aproximaram da cidade.

Quando eles entraram na cidade, a população começou a aclamar a Tartaruga aos gritos de "Yé! Yé! Yé!", assustando o Elefante, mas a Tartaruga encorajou-o dizendo: - "Você não percebe que a população está feliz em vê-lo?"

Mas os receios do Elefante eram bem fundados, pois a população da cidade, seguindo as instruções da Tartaruga, havia cavado um profundo fosso, cobrindo-o com uma enorme esteira para dissimular a armadilha. Assim, a população convidou o Elefante para que se assentasse na esteira, porque ela era o trono que o esperava.

O Elefante assim o fez e projetou-se no fosso profundo. Quando a população viu que o Elefante caíra na armadilha, precipitaram-se e mataram-no com suas lanças.

E foi assim que a Tartaruga proporcionou à população da cidade de Ilabesan, o sacrifício de um Elefante e, daí em diante, as coisas transcorreram pacificamente nessa cidade.

Ifá nos diz: há alguém cujo destino o colocará em uma importante posição, mas, aquele que irá ajudá-lo, aparecerá subitamente e será alguém de quem não se supunha que pudesse ajudar na questão.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Odù IRETE MEJI – Obe Ògúndá

Sacrificaram Igun para Ifá no Tabuleiro da Casa de Alara.

Sacrificaram Awòdí para Ósè no Tabueiro da Colina de Ijeró.

Sacrificaram Atioro para Ògúm, o Senhor da Faca do sacrifício.

Aquele que tira a água é que destrói a casa do peixe. Aquele que corta a madeira é que destrói a casa do pássaro.

Oh! Grande Divindade que sabe vencer maus encantamentos: se queremos comer muito bem, fecha-se muito bem a porta.

Foi criado o jogo para Òrùnmilá, quando ele ia ao palácio do rei da cidade Alade para saudá-lo:

- Bom dia, majestade: acordou bem?

- Bom dia, Òrìsá Òrùnmilá – saudou-o o Rei!

Texto extraído de: "Ifá – O Òrìsá do Destino" – mestre Itaoman

"SURÙ NI BÀBÁ ÌWÁ..."

"PACIÊNCIA É O PAI DO CARÁTER..."

"Quantias de temperamento descontrolados estão sobre os seres humanos..."

Paciência é o pai de todo caráter.

Um ancião que é paciente, tal um ancião desejará por último...

Eles envelhecerão... (não morrerão jovens).

Eles desfrutarão a vida de Ifá, se gostarão como mel (viverão felizes, doce = alegria).

Esta é a declaração do oráculo à Sangue,

Ao acompanhar um novo nascimento de um bebê, à palavra do àiyé.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



O Oráculo declarou para Lamentar, acompanhar um novo nascido ao àiyé.

Eles também declararam a Risada, a acompanhar um novo nascido ao àiyé.

Eles falaram igualmente com Paciência, para acompanhar o novo nascido ao mundo.

No orún, um novo bebê estava a ponto de proceder no mundo (àiyé).

Sangue, Lamentando, Risada e Paciência planejaram acompanha-lo em seu nascimento no àiyé.

Os quatro deles procederam então para a casa do Awo mencionada acima para consulta.

Eles quiseram saber se a viagem deles ao àiyé como bebê seria frutífera e recompensadora a eles.

O Awo(segredo) os assegurou que eles seriam respeitados, honrados e seriam reconhecidos no mundo. Aconselharam-lhes oferecer sacrifícios de forma que eles seriam outorgados Honra e Respeito imediatamente quando eles chegassem no àiyé.

Eles também iriam oferecer outro sacrifício de forma que o Respeito e Honra lhes daria no primeiro dia da chegada deles no àiyé sempre suportaria (viveriam).

Só Sangue e Lamentando ofereceram os sacrifícios para eles serem outorgados Honra e Respeito, imediatamente eles chegaram em terra enquanto nenhum deles aborreceu para oferecer o outro sacrifício. Sangue trouxe os materiais de sacrifício primeiro.

O sacrifício de Sangue buscou santificar que sem ele, nenhum humano teria uma semente. Eles também abençoaram que Sangue sempre anunciaria a chegada de um novo nascido no mundo. Todos sancionaram as bênçãos e disseram: Àse!

Lamentando logo trouxe os próprios materiais dele.

O sacrifício ele buscou santificado que sem Lamentar, a fruta do humano (o bebê) não será útil a eles.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



O poder divino sancionou a bênção. Desde que Risada e Paciência não ofereceram nenhum sacrifício, ao novo nascido no mundo.

Retifique à bênção do Awo, Sangue anunciou a chegada do bebê nascido novo. Quando a mãe do bebê entrou em trabalho de parto, ela viu sangue primeiro. Imediatamente isto foi visto e a expectativa de todo o mundo era ao redor desta que o bebê estava a ponto de nascer. Todo o mundo estava esperando a chegada do bebê no mundo.

Imediatamente quando o bebê chegou no mundo, começa a Lamentar. Quando esses ouvem o chorando ao redor, todos eles começaram a cantar e dançar, felicitando os pais do bebê.

A bênção do Awo diz que sem Lamentar, a fruta (bebê) de seres humanos não seria útil, não tinha vindo verdadeiro. Se o bebê não lamentasse imediatamente quando chegou ao mundo, seria assumido que o bebê estava morto. Ninguém estaria contente se o bebê não Lamentou.

Além disso, se uma mulher não tinha começado a ver sangue em forma de menstruação, ela não poderá intrOdüzir fruta(filhos).

Se um novo nascido estava sentindo algum desconforto, estava terminado, Lamentando que para isto foi mostrado. Sem Lamentar, não poderia ser feita nenhuma tal suposição. Por conseguinte, seres humanos dependem de Sangue e Lamentando no desempenho de suas funções declararam acima porque ambos tinham oferecido sacrifícios para ser outorgado Honra, Respeito e Reconhecimento imediatamente quando eles chegaram no mundo. Mas como eles não ofereceram sacrifício para a Honra sempre suportar, a significação deles não foi além daquela fase.

Enquanto isso, tipo de Honra começa determinado a Sangue e Lamentando, decidido voltar ao Awo para oferecer o próprio sacrifício dele.

Disseram-lhe dobrar os sacrifícios que foram feitos através de Sangue e Lamentando para ser outorgado a honra, respeito e reconhecimento. Ao redor este tempo concordou ele. O sacrifício à Risada buscou; santificada que enquanto em terra, seria achada onde todo o mundo está contente, onde as pessoas tinham alcançado grande sucesso, onde qualquer coisa boa estava acontecendo à pessoas. Risada procedeu para o mundo para se encontrar até os dois primeiros, Sangue e Lamentando.

Paciência ofereceu sacrifícios como prescrito.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



Até lá o bebê tinha começado a aprender a caminhar. O bebê estava com pressa em dominar como caminhar. Caiu abaixo.

Os pais acautelaram isto para ser paciente. Depois que tinha dominado como caminhar, começou corrida. Caiu abaixo. Os pais acautelaram isto para ser paciente. Todas as coisas que o bebê quis fazer, paciência ficou muito dominante na vida do bebê.

Havia paciência caminhando, enquanto comendo, correndo, falando, saltando, etc. O mais velho o bebê cresceu, o mais dominante era Risada e Paciência. Por outro lado, quanto mais o bebê cresceu, ambos Sangue e Lamento menos desejados se tornaram.

Isto é porque Risada e Paciência ofereceram ambos os sacrifícios para eles ser outorgado honra, respeito e reconhecimento e para estes atributos sempre durar.

A partir daquele dia, todos os seres humanos rezaram para eles não irem para céu com os mesmos meios que eles chegaram ao mundo por Sangue e Lamentando. "A oração era para eles devolverem com Risada e Paciência."

Como diz Ifá: Suurù ni bàbá iwá, não há caráter sem suurù, pois paciência é o pai do caráter.

Assim fala Ifá.

Iré O!

postada por: Bàbàlòrìsà Francisco d` Òsòòsi.

///

Esta é a história da criança gerada por Ajé, mulher de Metonlonfin, chefe de todos os feiticeiros.

Em seu nascimento, esta criança prometida a Olofin - mestre de todas as coisas, dos homens, para servir de intermediador entre eles, recebeu o nome de Fá Aydegun. Logo depois de haver nascido, apesar da missão a que fora destinado, Fá Aydegun permanecia preso de um mutismo inexplicável, o que deixava seu pai muitíssimo irritado. Por mais que se insistisse, o menino limitava-se a chorar, sem emitir uma só palavra.

Certo dia, já bastante irritado pelo enigmático mutismo da criança, Metonlonfin deu-lhe uma pancada com um pedaço de marfim entalhado



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yóò bá o gbé làyè!



que portava no momento e o menino, interrompendo seu pranto permanente, gritou em alta voz: "Ogbe".

Admirado, Metonlonfin golpeou-o novamente e o menino gritou a palavra Oyeku. A um terceiro golpe, foi dito Iwori e recebendo golpes consecutivos, o menino foi falando: Odí, Irosun, Oworin, Obàrà, Òkànràn, Ògúnda, Osá, Ika, Oturukpon, Otura, Irete, Oshe e Ofun.

Depois de pronunciados este dezesseis nomes, o pai parou de bater no menino que então lhe disse: "Pai, as palavras que me ouvistes pronunciar, são os nomes de meus dezesseis filhos espirituais". Eu não posso anunciar mais que um deles por cada golpe recebido, por conseguinte, não poderia manter uma conversação sem ter recebido consecutivos golpes de teu bastão, ao qual darei o nome de Irofá.

Assim sendo, quando mais tempo me baterem com o Irofá, mais tempo mantereí contato com os homens. Devo revelar agora, os segredos de cada um dos meus dezesseis filhos, de posse destes segredos, qualquer ser humano poderá aliviar seus sofrimentos, amenizar suas vicissitudes.

Todos eles apresentam duplas características, são Meji (duplos), podendo assim, causar o bem e o mal. Seus nomes são sagrados e não devem ser pronunciados de forma profana, por bocas ímpias, sob pena de terríveis maldições. Para que se sintam bem e possam sempre trazer benções para os homens, devem ser tratados e agradados com os seguintes elementos que lhes pertencem especificamente.:

Ogbe Meji - a água fria.

Oyeku Meji - a galinha preta.

Iwori Meji - as bebidas alcoólicas.

Òdí Meji - a banana.

Irosun Meji - o galo de penas amarelas.

Oworin Meji - a galinha de penas arrepiadas.

Òbàrà Meji - a abóbora

Òkànràn Meji - o galo negro.

Ògúnda Meji - peixe fresco.

Osa Meji - o óleo de palma.



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



Ika Meji - o pombo.

Oturukpon Meji - o pato.

Otura Meji - o carneiro

Irete Meji - o porco e o cabrito.

Oshe Meji - o milho torrado e o galo.

Ofun Meji - os ovos, as manteigas de ori e de cacau.

Um dia, Fá Aydegun, após revelar seus segredos a seu pai, transformou-se numa palmeira e por isto, é até hoje representado pelos negros caroços desta palmeira. É por este motivo que os adivinhos, para invocarem os filhos espirituais de Ifá, batem em seu Oponifá com os seus Irofá, pois só desta forma, Ifá estabelece conversa com eles.



Odù Oturá - Alafia

Araba é o Chefe dos Adivinhos Reais!

Araba é o Chefe dos Adivinhos Reais!

Aquele que possui o Poder da Essência é o Chefe dos Adivinhos Reais.

Aquele que conhece o segredo do interior do Sacrário dos Odù (Àpéré), é o Chefe dos adivinhos Reais.

E foi ele quem criou Ifá para o Senhor das Divindades, Obatalá, o Senhor das Vestes Brancas, que usa seu poder em prol de todos.

Quem é o Senhor do Erimwô?

Araba é o Senhor do Erimwô!



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



//

Todo mundo sabe que nada interessa mais a um muçulmano que o dinheiro, logo que o muçulmano chegou a Terra, consultou três Bokono, para que o orientassem na melhor maneira de obter dinheiro.

Após a consulta, os Bokonon recomendaram ao muçulmano, que oferecesse um sacrifício, para evitar o insucesso em seus negócios, mas o homem não concordou em fazê-lo.

O muçulmano, que morava no céu na companhia de Mawu, resolveu trazer de lá três cavalos, para serem vendidos na Terra.

Entre o Céu e a Terra, existia então, uma espécie de barreira alfundegária, que era fiscalizada por Agosu Sava (um dos nomes da morte).

Agosu Sava barrou a passagem do marabu com os cavalos. Impedido de seguir viagem ficou por ali, aguardando uma oportunidade de passar.

Durante a espera, o muçulmano encontrou um paralisado, que demonstrou interesse em dirigir-se à Terra. Aproveitando-se da situação, o muçulmano mandou que o aleijado montasse num dos seus cavalos.

O paralisado, sem que o muçulmano soubesse, carregava consigo três flechas.

Ao se aproximarem da barreira, alegaram que a montaria excedente era uma reserva, para o caso de cansaço daquele que carregava o paralisado, conseguindo desta forma, permissão imediata para prosseguirem viagem.

Já na estrada, o muçulmano precisou apelar para fazer suas necessidades. Aproveitando-se de seu afastamento, o paralisado temendo que o companheiro fosse utilizar o terceiro cavalo para transportar algum malfeitor, intraduziu uma flecha na barriga do animal.

Prosseguiram viagem, sem que o muçulmano percebesse nada e de repente o animal caiu sem vida.

Caminharam algumas horas, depois de terem substituído a montaria do paralisado, quando o muçulmano, sentindo cólicas novamente, dirigiu-se ao mato para aliviar-se. Imediatamente e agora por compulsão, o



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



paralítico intrOdúziu outra flecha na barriga de seu cavalo, que após caminhar alguns minutos, veio a morrer.

O mesmo destino estava reservado ao terceiro animal e só então, o muçulmano se apercebeu de que tudo não passava de um castigo, por haver negligenciado o sacrifício determinado pelos adivinhos.

O paralítico, não tendo mais o que o carregasse, ficou pelo caminho e o muçulmano prosseguiu viagem a pé, chegando à terra no exato momento em que o rei do lugar acabara de morrer.

Segundo os costumes da época, o estrangeiro que chegasse no momento da morte do rei, deveria ser o seu substituto e ao muçulmano, foi dado o título de Imamú.

Foi a partir deste dia, que ficou estabelecida a dinastia Imamú (Islamismo).

Primeiro Deus criou o homem negro, depois o marabu e depois o branco.

Certa noite, Olofin estava numa encruzilhada, de onde abençoava seus filhos, quando um negro vinha passando, Olofin chamou-o e, entregando-lhe uma botija e cinco centavos, pediu-lhe que fosse comprar óleo de palma. O negro partiu, comprou quatro centavos de óleo e guardou um centavo para si.

Deus que tudo vê, perguntou ao negro: "Só este óleo por cinco centavos? Sabes que tudo vejo, e vi quando embolsastes um centavo. Se achas que um centavo pode suprir tuas necessidades, segue teu destino com esta importância!"

No outro dia passou o marabu, Olofin chamando-o, entregou-lhe a mesma botija com cinco centavos, dando-lhe a mesma ordem que havia dado ao negro. Chegando ao mercado, o marabú comprou três centavos de óleo e sarrupiu os outros dois.

Ao receber de suas mãos a botija com óleo, Deus perguntou: "Só este óleo por cinco centavos? Vi muito bem quando guardastes dois centavos em tua bolsa. Se achas que dois centavos podem suprir as tuas necessidades, segue teu destino com esta importância!"

No dia seguinte foi a vez do branco. Deus confiou-lhe a mesma missão, com a botija e cinco centavos. O branco partiu, comprou cinco centavos



ILÉ ASÈ OMO ODÈ

Lógún Edé gbogbo òrìsà yòò bá o gbé làyè!



de óleo e voltou com a botija cheia. Deus então lhe disse: "Muito bem! Dê-me tuas mãos para que as abençoe!" E soprando sobre as mãos estendidas, assim falou: "Tu és bendito entre todos os teus irmãos. Tu os comandarás, eles viverão submetidos a ti!"

É por isto que até hoje, todas as demais raças são subjugadas pela raça branca.

IV

Quando se encontrava no céu perto de Mawu, o caramujo Aje se chamava Aina e era do sexo feminino. Naquela época, Fa AyedÒgún passava por sérias dificuldades financeiras e, por ser muito pobre, não era convidado a participar de qualquer festa ou reunião social.

Aina, recém nascida, era muito feia. Sua aparência terrível fazia com que todos evitassem sua companhia e ninguém aceitava tê-la em casa.

Depois de ser rejeitada em todas as casas, Aina bateu na porta de Fa AyidÒgún, que apesar do estado de miséria em que se encontrava, acolheu a menina. Uma bela noite, Aina acordou Fa, anunciando que estava prestes a vomitar. O hospedeiro apresentou-lhe uma tigela para que vomitasse, mas ela recusou-se. Uma cabaça foi trazida e também recusada e depois, uma jarra foi objecto de nova recusa.

Fá perguntou então, o que poderia fazer para ajudá-la e Aina disse: "Lá no lugar de onde venho, costuma-se vomitar todos os dias, no quarto". Conduzida ao quarto, Aina começou a vomitar todos os tipos de pedras preciosas, brancas, azuis, vermelhas, verdes, etc.

Naquele momento, um marabu que passava, penetrou na casa de Fá e perguntou por Aina. "Ela está no quarto, acometida por uma crise de vômitos.", respondeu Fá. O estrangeiro foi ver o que se passava e ao deparar com Aina vomitando pedras preciosas, exclamou: "Ha! Nós não conhecíamos os poderes de Aina, hoje revelados!"

Disposto a servi-la, colocou-lhe o nome de Anabi ou Ainayi, que em Yoruba quer dizer: Aina vomita, Aina deu toda riqueza a Fá AyidÒgún. Os muçulmanos, depois disto, fizeram de Aina uma divindade, conhecida entre eles, como Anabi.

(Este Itòn descreve a lenda do surgimento do Òrìsà Aje Shaluga).